



«JÁ NÃO SOU EU QUE VIVO,
MAS É CRISTO QUE VIVE EM MIM»

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2012

«JÁ NÃO SOU EU QUE VIVO,
MAS É CRISTO QUE VIVE EM MIM»

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2012

© 2012 Fraternità di Comunione e Liberazione
Tradução de José Maria de Almeida

Na capa: Giotto, “*Última Ceia*” (detalhe), Capella degli Scrovegni, Pádua (Itália)

Cidade do Vaticano, 20 de abril de 2012

*Padre Julián Carrón
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*

Reverendo Senhor,

por ocasião do Curso de Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação presentes em Rímíni, o senhor quis manifestar ao Santo Padre Bento XVI sentimentos de devota e afetuosa proximidade, assegurando particulares preces pelo Seu universal ministério de sucessor do apóstolo Pedro.

O Sumo Pontífice, ao expressar vivo apreço pela louvável iniciativa dessa Fraternidade, agradece pelo atestado de respeito e pelos pensamentos de veneração que o acompanharam, e ao mesmo tempo em que deseja que a experiência do contato com Cristo vivo, suscite renovados propósitos de generoso testemunho eclesial, no sulco fecundo traçado pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani, invoca uma abundante efusão dos dons pascais de alegria e de paz e de bom grado envia ao senhor e aos participantes do encontro espiritual a implorada Bênção Apostólica, estendendo-a às pessoas caras.

Com sentimentos de distinto respeito, me confirmo devotíssimo no Senhor,

***Monsenhor Angelo Becciu**, Substituto da Secretaria de Estado de Sua Santidade*

Sexta-feira, 20 de abril, noite

Na entrada e na saída:

Johannes Brahms, Sinfonia n. 4 em mi menor, op. 98

Riccardo Muti – Philadelphia Orchestra

“Spirto Gentil” n. 19, Philips

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

Qualquer que seja o sentimento sobre si que cada um de nós tem esta noite, a percepção que tem sobre o que está acontecendo ao vir aqui, Deus nos dá um gesto como os nossos Exercícios para responder por meio de um fato à nossa vida, como juízo a partir do qual podemos retomar o caminho, qualquer que seja o ponto em que nos encontremos.

Peçamos, no início deste nosso gesto, ao Único que pode nos abrir o coração, que o abra para a graça que nos será dada nestes dias, o Espírito de Cristo.

Ó Vinde Espírito

Saúdo cada um de vocês aqui presentes e todos os amigos que estão conectados conosco de diversos países e todos aqueles que depois vão fazer os Exercícios, nas próximas semanas.

A afirmação sobre a positividade da realidade desafiou a todos nós; a diversidade de reações mostrou um lado descoberto, sinal de como incide sobre nós a mentalidade comum: é uma percepção da realidade e de si mesmos caracterizada, no fundo, por uma dúvida terrível, corrosiva, sobre a consistência e sobre o destino da vida, de todas as coisas. Quantas vezes ouvimos repetir: “Mas temos certeza de que a realidade é sempre positiva? Como podemos dizer isso diante de tudo o que está acontecendo? Diante do drama da existência existe alguma coisa que resista?”. Dissimuladamente, para além de um primeiro nível de discurso e de muitas atividades (nas quais estamos empenhados), pode nos acompanhar essa negatividade, que vem à tona em certos momentos em que a dificuldade e as contradições se acentuam. Por trás da fachada mais ou menos triunfalista há um mal-estar. Como dizia um de nós: “Às vezes, percebo

uma espécie de desconforto. Há como que um triunfalismo naquilo que fazemos, que funciona como uma contrapartida à tragicidade de uma existência sem esperança”. Essa sombra sobre a positividade última, sobre a consistência da realidade, não é uma questão para especialistas, para os profissionais do trabalho, diz respeito a nós e tem uma consequência imediata: a inconsistência do eu. Eis o que uma outra pessoa dizia: “Neste período me aconteceu de encontrar pessoas para as quais essa condição de instabilidade em que vivemos levou ao aparecimento de uma fragilidade humana. Em todos esses relacionamentos emerge uma pergunta: onde está a minha consistência?”.

Mas a pergunta pode ser ainda mais dramática, como aparece nesta carta: “Caríssimo Julián, queria lhe contar uma coisa que, neste mês, frente ao surgimento da doença de uma amiga, está aparecendo com mais clareza na minha vida. Parto de um aspecto que imediatamente me deixou escandalizado, que não gostaria de descobrir em mim, mas que depois começou a ser o ponto de partida para entrar na verdade; aliás, diria que é o único ponto do qual posso partir para viver com verdade. Frente a tudo o que estava acontecendo, me dei conta de que muitas coisas que nestes anos me foram ditas, e nas quais eu sinceramente reconheci como verdadeiras e adequadas para mim, e que com frequência eu repeti a outros, não tinham adquirido uma consistência tal que permaneceriam mesmo diante de tudo o que estava acontecendo. Percebi isso de modo claro num dos primeiros dias em que eu estava indo visitar a minha amiga no hospital. A certa altura, me dei conta de que eu, frente a ela naquelas condições, não tinha nada de diferente das perguntas que tinha o pai de Eluana, tais e quais, sem solução. Frente a ela, em coma, o que podia dizer? Não seria melhor morrer? O que é o mistério do eu? Perceber que eu carregava essas perguntas me perturbava. Muitos à minha volta pediam um milagre, mas a questão em mim tocava um ponto que até mesmo o milagre da sua cura não resolveria. Eu também quero que fique boa, mas em mim a exigência é maior, porque se ficar boa, mais cedo ou mais tarde ela será novamente tirada de mim ou eu serei tirado dela e dos outros. Quem salva a ela e a mim inteiramente? Quem salva tudo? Fiquei escandalizado e apavorado com essa minha humanidade assim tão diferente da imagem que eu tinha de como deveria ser numa circunstância como essa e eu me percebia árido em vez de apaixonado, estava mudo frente ao que acontecia. Vinha à tona uma inconsistência do meu eu que gostaria de não precisar ver. Era como se toda a ferida da minha incapacidade, toda a minha indignação e impotência para ser verdadeiro ficasse evidente de

um modo vergonhoso. Uma desproporção sem tamanho. Eis aí o meu humano verdadeiro, essa angústia pela impossibilidade de ser verdadeiro, para estar com verdade dentro da realidade, ainda que só por um instante. Aí percebemos que somos necessitados desde a origem, não depois de algum passo que consigamos fazer. Necessidade total. Então, justamente esse humano que gostaria de não ver se tornou a porta para começar a entrar na realidade de um modo verdadeiro. Eu queria lhe contar tudo isso porque percebo que o grande trabalho exigido de mim é aceitar a luta para recuperar continuamente a minha humanidade autêntica (e isso não tem nada de automático; ao contrário, é uma fadiga!) para permanecer na estrada que você nos indica”.

Essa carta expressa o alcance do desafio à afirmação da positividade da realidade. Não bastaria o milagre da cura, com o qual, às vezes, queremos nos contentar para não olhar de frente a verdadeira questão. “Eu também quero que fique boa, mas em mim a exigência é de algo mais: quem salva a ela e a mim inteiramente? Quem salva tudo?”. Ou seja: existe Algo que salva tudo de acabar no nada? E ele intui que a resposta tem a ver com a recuperação da sua humanidade verdadeira. Fico admirado que tenha aparecido de forma tão clara, entre nós, porque identifica o traço fundamental da nossa cultura, que nos impregna muito mais do que imaginamos.

E qual é esse traço da nossa cultura?

Mais uma vez Dom Giussani vem em nosso socorro. Em 1994, numa entrevista publicada na revista *30 Giorni*, ele indicava o niilismo como “o caráter mortal da cultura moderna, à qual, especialmente agora, todos estamos submetidos na medida em que é mentalidade comum. [...] O niilismo é a consequência inevitável, antes de tudo, de uma [nossa] presunção antropocêntrica, pela qual o homem é capaz de salvar a si mesmo”. É um niilismo que tem raízes antigas, “na rebelião dos séculos XVII e XVIII, ou até antes, sob certos aspectos, pelo próprio protestantismo, até nossos dias. [...] Como símbolo disso [...] explico sempre aos jovens a poesia de Montale: ‘Talvez uma manhã, andando num ar de vidro, árido, voltando-me eu veja cumprir-se o milagre: o nada às minhas costas, o vazio atrás de mim, com um terror de bêbado. Depois, como numa tela, de repente aparecerão árvores, casas, colinas, para o engano costumeiro. Mas será tarde demais, e eu irei embora calado entre os homens que não se voltam, com o meu segredo’”¹.

¹ Giussani, L. “C’è perché è presente”, entrevista dada a G. Andreotti, em *30Giorni*, n. 10, 1994, pp. 11-12

O nada às minhas costas, o vazio atrás de mim. A poesia de Montale diz algo que todos nós, como homens adultos, conscientes, bem conhecemos e continuamente constatamos: que as coisas não têm consistência em si, nos mostra uma característica efêmera. A partir dessa “percepção vertiginosa da aparência efêmera das coisas se desenvolve, como sujeição e negação mentirosa, a tentação de pensar que as coisas são ilusão e nada”. Ou seja, “As coisas que temos, as pessoas com quem vivemos, ou são nada (niilismo) ou são parte indistinta do Ser, parte de Deus (panteísmo)”. Portanto, “ou niilismo ou panteísmo. Essas posições são, hoje, a resposta última à qual todos cedem e que nos abraça a todos, na falta de um apoio sólido e claro”².

Por que acontece essa falta de apoio sólido e claro e cedemos a esse niilismo ou panteísmo? Porque muitas vezes o nosso senso religioso é mais sentimental que comprometido com um trabalho. Mas o que impressiona é a conclusão que Dom Giussani tira daí. Na falta desse trabalho, que daria esse apoio sólido e claro, aonde se vai buscar a solução? Niilismo e panteísmo têm em comum “a confiança no poder e a cobiça pelo poder de qualquer modo seja concebido, em qualquer versão”. O poder “é afirmado como a única fonte e forma da ordem”, a única possibilidade de se evitar o caos. “É, no fundo, também a concepção de Lutero, que leva ao Estado absoluto: já que todos os homens são maus, é melhor que seja um só a comandar, ou poucos que comandam. [...] Mas como se passa do niilismo e do panteísmo a ter como objetivo o poder? Se o homem, reduzindo-se ultimamente ao nada, a uma mentira, a uma ilusão, sente-se uma mentira, uma aparência; se o seu eu nasce totalmente como parte de um grande porvir, como simples êxito dos seus antecedentes físicos e biológicos, ele não tem consistência original: [...] tanto o panteísmo como o niilismo destroem o que é inexoravelmente maior no homem; destroem o homem como pessoa”³.

Esta é a consequência extrema do niilismo e do panteísmo: destroem o nosso eu. Em outro texto Dom Giussani diz isso com uma fórmula fulminante: “O niilismo não necessariamente vê o mundo reduzido a cinzas e a nada, reduz a cinzas e a nada o eu”⁴. E percebemos tal redução na nossa incapacidade de estar dentro da realidade, e por isso nos vem o terror frente a certas circunstâncias ou em certos momentos da vida.

² Giussani, L. *L'uomo e il suo destino. In cammino*, Marietti 1820, Gênova 1999, p. 13.

³ *Ibid.*, pp. 14-15.

⁴ Giussani, L. *Si può (veramente?!) vivere così?*, Bur, Milão 1996, p. 401.

Dessa situação, dessa redução tão clara do eu, que muitas vezes nós todos temos, só podemos escapar comprometendo-nos com um trabalho que faça recuperar a nossa humanidade autêntica, isto é, que nos torne conscientes de onde está a consistência original do nosso eu. É necessário que o homem, cada um de nós, se recuse a se reduzir a esse positivismo racionalista que o leva ao niilismo ou ao panteísmo, porque o niilismo é filho de um racionalismo que reduz o sinal a aparência, de um positivismo sufocante que amputa o fato da realidade remeter a uma outra coisa e a restringe à própria medida. Por isso, a afirmação da positividade da realidade nos desafiou a todos, porque desafiou o nosso racionalismo, o nosso modo de usar a razão reduzida à medida de tudo (essa é a nossa presunção), pôs em evidência a nossa resistência (somos iguais a todos) a reconhecer o Mistério como parte da realidade. O positivismo costumeiro que nos determina permanece oculto, quase sem que o percebamos, até que uma situação dramática o faz aparecer diante de nós com toda a sua força.

Então, qual é o apoio sólido e claro que pode nos manter de pé nessa situação? O que podemos fazer? Qual é o caminho que podemos percorrer para não ficarmos à mercê de qualquer circunstância, sempre com medo do nada? É interessante comparar a resposta que Dom Giussani dá a isso com o modo como nós, muitas vezes, respondemos. Alguns tentaram responder ao niilismo que surgia no fundo do próprio espírito com um “apelo” a Cristo, o que, porém, não mudava a substância do juízo, quer dizer: a realidade é e continua sendo negativa, mas para nós há um remédio, uma compensação, que é Cristo. De um lado, se continuava a afirmar uma ontologia negativa (como todos fazem) e, do outro, se invocava a fé (assim, a fratura que temos denunciado há anos permanece), mas a concepção da vida, da morte, da realidade, não era afetada, mas simplesmente coberta de modo fideísta. Giussani não segue esse caminho. O niilismo implica um uso reduzido da razão, que depois pode ser utilizado do mesmo jeito com Cristo (“Por que temos que dizer Cristo?”). Se, então, pulamos o problema, ele se repro põe, se reapresenta tal e qual, com Cristo. Não existem atalhos, amigos.

Do que precisamos para responder a essa situação, para encontrar esse apoio sólido e claro de que todos precisamos para estar na realidade como homens, para reencontrar a consistência que nos impede de ser engolidos pelas circunstâncias, pela crise, pela opinião dos outros?

De novo, Dom Giussani vem em nosso auxílio.

Primeiro. “A impostura implícita na posição niilista está na negação evidente, está no fato de que não se pode dizer que tudo é nada, que às

minhas costas existe o nada, a última palavra é o nada, quando, pelo contrário, as coisas existem. [...] De um lado, portanto, é necessária a retomada da evidência que a realidade coloca, que a realidade é e, portanto, que ela não pode ser conduzida e explicada com um nada”⁵. E qual é a evidência que a realidade coloca, que a realidade é?. Que “a realidade, em seu ser, a realidade tal como aparece na experiência, isto é, como aparece à razão do homem, como pode existir e do que é feita? A realidade tal como aparece ao homem é feita por Deus, ‘de’ Deus. O Ser cria do nada, isto é, Ele participa si mesmo. É a percepção da contingência da realidade, isto é, do fato de que *a realidade não se faz por si*”⁶. Atenção, amigos, que podemos – como ouvimos na carta – considerar isso óbvio, como algo que já ouvimos, sem olhar de frente e sem fazer essa recuperação da humanidade que é usar a razão assim, de tal modo que não fiquemos perdidos frente à realidade, e todos sabemos até que ponto isso é tudo, menos algo sabido, familiar, no nosso modo de nos relacionarmos com o real!

E, assim como a realidade existe, eu existo; eu faço parte dessa realidade, e por isso, nos diz ainda Giussani, “o único verdadeiro mistério é: como é que eu existo? Como eu consisto? [...] Essa pergunta identifica o nível ontológico, não ético, da questão”⁷. A existência do eu, da sua liberdade, das suas exigências originais, demonstram Algo mais, remetem para um Outro, são sinal de um além, e sem ter essa consciência, sem ter a autoconsciência familiar, eu não existo. E essa é a primeira questão à qual somos constantemente enviados: que a verdadeira estatura do coração do homem é essa, e portanto, que ninguém pode se saciar com um substitutivo qualquer (dinheiro, sucesso ou poder). É por isso que nós somos constantemente chamados à verdadeira natureza do nosso eu e que somos chamados à verdade do que somos, à verdadeira estatura do nosso coração, porque nada pode satisfazer o coração do homem, e, portanto, o coração de todos, na sociedade. Mas todos sabemos até que ponto a mentalidade comum incide sobre nós, está enraizada em cada um de nós e nos leva a buscar a satisfação onde todos a buscam. Desde sempre a nossa história teve que enfrentar a incoerência da pessoa frente à verdade da proposta cristã, o que sempre chamamos de imoralidade, em relação à verdadeira moralidade, que é a tensão contínua para o Infinito. Hoje podemos reafirmá-lo com mais

⁵ Giussani, L. “C’è perché è presente”, in *op. cit.*, p. 12.

⁶ Giussani, L. *L’uomo e il suo destino. In cammino*, in *op. cit.*, p. 13.

⁷ *Ibid.*, p. 18.

clareza: somos chamados a isso, e a incoerência e o erro de alguém é um chamado de atenção para todos, para a conversão de cada um.

Segundo. “Por outro lado, nessa realidade humana, nessa vida humana, Deus entrou. Não só com a Sua misericórdia, não só com o Seu misericordioso proceder, com a Sua misteriosa condução paterna, mas entrou como homem, nascido de uma mulher. Deus, nascido como homem do ventre de uma jovem mulher, é um evento que acontece, que se introduziu no cenário da vida do homem. Dada essa notícia, há um fator novo que não se pode anular impunemente, não se pode esquecer facilmente”⁸, de tão irredutível que é: o acontecimento cristão.

Assim como dizemos que a realidade existe, podemos afirmar: o acontecimento cristão existe, é irredutível: “Estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo”⁹. E esse acontecimento introduz um olhar para o homem na sua irredutibilidade a qualquer erro. É esse olhar que veremos amanhã identificado com o olhar de Cristo para Zaqueu. O homem nunca é, em última instância, aquilo que faz; ele é essa relação com o infinito que Cristo afirmou no olhar que teve para com todos aqueles que encontrou, sobretudo os pecadores, a ponto de escandalizar a todos, tal como acontece hoje. Justamente por ter encontrado esse olhar, nós podemos reconhecer os nossos erros e os nossos enganos sem justificá-los, porque uma pessoa jamais cessa de ser pessoa, quaisquer que sejam os erros cometidos – e é preciso provar se são crimes –. Por isso, reconhecer a objetividade do erro e a necessidade da sua reparação (algo que é sempre imanente a uma posição de verdade) não implica, de nenhum modo, em rejeitar a pessoa. É esse o olhar que Cristo introduziu na história. Muitas vezes nós somos os primeiros a manifestar o escândalo diante de certos erros, nossos ou dos outros: mas como é possível?! Não quer dizer negá-los, censurá-los ou justificá-los; quer dizer poder encará-los para recomeçar. Mas de onde? “A reconquista, para o homem, qualquer que seja seu interesse ou sua expressão, só pode recomeçar a partir da retomada, plena de dor pelo esquecimento, da memória de Cristo: a memória de Cristo como conteúdo normal da autoconsciência nova do cristão”¹⁰. Nessa memória está a fonte da moralidade como retomada, como tendência a recomeçar sempre, incansavelmente, qualquer que seja o erro cometido. Essa é a moralidade de cada um e de todo o nosso povo. Se existem erros de

⁸ Giussani, L. “C’è perché è presente”, in *op. cit.*, pp. 12-13.

⁹ Mt 28,20.

¹⁰ Giussani, L. “C’è perché è presente”, in *op. cit.*, p. 13.

um indivíduo, este poderá retomar e recomeçar sempre; se existem erros nossos, também nós podemos voltar-nos para uma retomada, quer dizer, deixar-nos educar. É uma moralidade que existirá unicamente como tendência e como pedido, se nos colocarmos como mendicantes, humilhados e, por isso, humildes, com a certeza de que cada manhã se renova. Como Dom Giussani sempre nos ensinou citando Eliot: “Bestiais como sempre, carnisais, egoístas, interesseiros e obtusos como sempre haviam sido, / E ainda assim lutando, sempre reafirmando e recomeçando a marcha num caminho que fora iluminado pela luz; / Tantas vezes parando, perdendo tempo, desviando-se, atrasando-se e voltando, mas jamais seguindo outro caminho”¹¹.

Essa é a conversão que devemos pedir hoje (da qual somos mais necessitados todos, todos): viver a fé como uma experiência, porque, como diz Dom Giussani, “uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário”¹².

Um gesto com essas dimensões é impossível que aconteça sem a contribuição e o sacrifício de cada um de nós, na atenção aos avisos, ao silêncio, às indicações que nos são dadas. Cada uma dessas coisas é um modo com o qual podemos pedir a Cristo que tenha piedade do nosso nada, que nos dê aquela conversão que nos torna verdadeiramente nós mesmos. Todos conhecemos a necessidade que temos desse silêncio, que permite que nos deixemos penetrar até a medula por cada coisa que nos é dita, para fazer com que esse silêncio se torne grito, súplica a Cristo para que tenha piedade de nós.

¹¹ T.S. Eliot, *Coros de “A Rocha”*. In: *Poesia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

¹² Giussani, L. *Educar é um risco*. Bauru: Edusc, 2004, p. 16.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 5,34-42; Sl 26 (27); Jo 6,1-15

HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

Frente ao realismo de Gamaliel (o tempo nos levará a ver se essa é obra humana ou obra de Deus), desvela-se o poder, que é tal em sua tentativa de reduzir a evidência (precisam fustigar os apóstolos, reforçar a proibição de falar em nome de Jesus), de negar a evidência de um bem, de uma positividade inexorável, então e agora. Mudam os instrumentos (não é preciso detalhar, somos todos inteligentes), mas a tentativa de negar a evidência, a evidência do bem, da positividade inexorável dessa Presença, tem como raiz, em qualquer poder, o medo da novidade, o nada.

Mas o Evangelho nos faz ver que essa resistência é também nossa, é a dos Seus, que embora O sigam e O amem, frente à Sua iniciativa reduzem tudo à própria medida. É o diálogo dramático de Cristo com os apóstolos, que resistem: parece bom senso, parece realismo, mas é resistência à Sua iniciativa. Mas a Sua irredutibilidade não cede à atratividade da multidão entusiasmada; multidão que dentro de poucas horas O deixará sozinho na sinagoga, escandalizada com a novidade da Sua mensagem; a irredutibilidade do Senhor está nessa relação filial, fundada no Pai. Quem se dá conta disso, quem se entrega, vive da mesma irredutibilidade, não por uma força própria, mas pela beleza de uma evidência de humanidade que nada e ninguém – nem o poder, nem a nossa fragilidade – poderá deter.

Assim se conclui o relato dos *Atos*: “E cada dia, no Templo e pelas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Boa Nova do Cristo Jesus” (*At 5,42*). No templo (na Igreja), nas casas (no mundo, em todos os âmbitos da vida, sem excluir nenhum), essa Voz comovida, apaixonada, ecoa por meio da fragilidade, da precariedade das nossas existências.

Sábado, 21 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Sonatas para piano

Wilhelm Backhaus, piano

“Spirto Gentil” n. 22, Decca

Padre Pino. A Sonata n. 5, de Beethoven, que acabamos de ouvir durante a entrada, é o trecho que por um ano inteiro, aos domingos à noite, Gaetano Corti tocava, sem proferir nenhuma palavra, para Giussani, que voltava muito tarde, esgotado pelos primeiros e intensos movimentos da sua iniciativa. Procuremos nos identificar com ele na intensidade humana, na vibração de amizade como companhia ao destino do outro. Essa intensidade humana não é só uma questão de temperamento, mas de consciência, essa consciência que hospeda o fato de Cristo presente, que é, pois, memória, reconhecimento do que está acontecendo agora.

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA PALESTRA

Julián Carrón

Um mestre a seguir

Começo lendo o telegrama de Sua Santidade: “Por ocasião do Curso de Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação presentes em Rímíni, o senhor quis manifestar ao Santo Padre Bento XVI sentimentos de devota e afetuosa proximidade, assegurando particulares preces pelo Seu universal ministério de sucessor do apóstolo Pedro. O Sumo Pontífice, ao expressar vivo apreço pela louvável iniciativa dessa Fraternidade, agradece pelo atestado de respeito e pelos pensamentos de veneração que o acompanharam, e ao mesmo tempo em que deseja que a experiência do contato com Cristo vivo, suscite renovados propósitos de generoso testemunho eclesial, no sulco fecundo traçado pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani,

invoca uma abundante efusão dos dons pascais de alegria e de paz e de bom grado envia ao senhor e aos participantes do encontro espiritual a implorada Bênção Apostólica, estendendo-a às pessoas caras. Com sentimentos de distinto respeito, me confirmo devotíssimo no Senhor, Angelo Becciu, Substituto”.

1. A autoconsciência do eu

“De fato, quando as garras de uma sociedade adversa se apertam em torno de nós, até ameaçando a vivacidade de uma nossa expressão, e quando uma hegemonia cultural e social tende a penetrar no coração, instigando as já naturais incertezas, então *é chegado o tempo da pessoa*”¹³, dizia Dom Giussani em 1976.

Em 1990, à Equipe dos universitários, insistia: “Em todas as circunstâncias e contingências da vida, do mundo, da história, o que conta, aquilo do qual sempre se pode partir, o que sustenta a novidade, o criativo, tem um lugar que se chama pessoa: é o sujeito, que se chama eu, e quanto mais os tempos são duros, tanto mais é o sujeito que conta, é a pessoa que conta”¹⁴.

Outra vez, em 1998, faz com que lhe façam uma pergunta, para em seguida poder respondê-la, tal era o seu desejo de que entendêssemos isso. “*Por que um movimento como o nosso insiste tanto sobre o eu, e por que só agora essa insistência?*”. “Você faz com que eu tenha uma reação um pouco imediata quando me diz ‘só agora’, porque o início do Movimento era dominado pelo problema da pessoa! E a pessoa é um indivíduo, a pessoa é um indivíduo que diz ‘eu’. Durante muito tempo, um pouco preocupados em exagerar, somente nós dissemos que o eu é a autoconsciência do cosmo, isto é, que toda a realidade é feita para o homem. Criando o mundo, Deus, na concepção cristã, tinha como objetivo a afirmação da pessoa. Por isso agora dizemos que o cosmo inteiro atinge o seu cume, tem o seu ponto mais alto, na autoconsciência. É como uma pirâmide sobre cujo cume eclode a autoconsciência: a consciência de si, na natureza, em toda a natureza da criação, é o *eu*. Por isso, o mundo, o cosmo, teria significado mesmo que existisse

¹³ Conversa durante os Exercícios dos Universitários de 7 de dezembro de 1976; publicada in Giussani, L. “È venuto il tempo della persona”, in *Litterae Communionis CL*, n. 1, Milão, 1977, p. 11.

¹⁴ Equipe dos Universitários, Milão, 10 de fevereiro de 1990, Arquivo de CL.

um só eu. A autoconsciência do cosmo é como que o desafio de Deus: ‘Criei para que houvesse uma criatura que tomasse consciência de que Eu sou tudo, faço tudo, fiz tudo’. De fato, a religiosidade é o coração do homem, o coração do eu, e se explicita como desejo de felicidade e como razão que determina todas as definições que damos às palavras. Razão é consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores. E a moralidade é o nexa entre a ação, uma ação do eu, uma ação consciente, e a totalidade da criação, a ordem. São duas definições fundamentais para a nossa concepção do eu. De qualquer modo, os primeiros anos, a primeira dezena de anos, antes que o ano de 1968 trouxesse uma grande reviravolta, colocando como tema, de modo angustiante, não tanto o eu, mas a sua ação na sociedade, a conquista do poder (porque a conquista da ciência era secundária com relação àquela do poder assim como era concebido na época), antes de 1968 o tema com que eu iniciava sempre os Exercícios, os retiros, era constituído por uma frase de Jesus. [...] A frase de Jesus, que então eu dizia muitíssimas vezes, como um refrão contínuo, a partir de 1968 ficou um pouco esquecida, mas agora a retomamos, porque o resultado da política ou da ‘revolução’ mostrou as extremas consequências de uma falta de consciência, de autoconsciência do eu. Se o eu é a autoconsciência do cosmo, o maior delito que o eu pode cometer é não conhecer a si mesmo, pois ele precisa estar consciente de si. Jesus dizia: ‘O que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, mas perder a própria vida?’. Aliás, Ele diz literalmente: ‘Que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro mas arruinar sua vida? Ou o que poderá o homem dar em troca de sua vida?’. São coisas que se reportam uma à outra, porque se o eu é a autoconsciência do cosmo, a relação com o Criador, com o Infinito, com o que não é mensurável, origem e destino de tudo, é no eu que se joga, na tomada de consciência que o eu tem de si. Isso explica por que o nosso dizer, o conteúdo da nossa conversa sempre se centrou na humanidade, no valor humano das coisas, e o valor humano não é da ‘humanidade’, mas do indivíduo, da pessoa. Assim, todo o discurso que iniciei no Liceu Berchet de Milão, desde o primeiro ano, deu origem ao livro *O senso religioso*, depois ao segundo volume, *Na origem da pretensão cristã*, e em seguida aos textos sobre a vida da Igreja, sobre o valor da Igreja. Mas o *leit-motiv* ou o destino comum de todo esse desenvolvimento foi a pessoa: para se entender a pessoa e o que a pessoa deve fazer, quem é o homem e o que o homem precisa fazer para ser ele mesmo [...]. No tempo que vivemos chegamos à margem arenosa de uma aridez, de um deserto humano, onde o sujeito da pena é o eu:

não a sociedade, mas o eu, porque pela sociedade se matam todos os *eus* possíveis e imagináveis, ao passo que para nós a sociedade nasce da existência do eu. ‘Crescei e multiplicai-vos’, recomendou Deus a Adão e Eva: mas a natureza da missão de Adão e Eva, de terem sido criados como personalidades individuais, é uma companhia entre eles dois: o homem não pode viver, não pode conhecer, se alimentar, a não ser na companhia de um outro, no encontro com um outro. Estamos, eu dizia, como que na areia, na margem arenosa de um colapso terrível na vida social. E assim como o poder tem como ideal e objetivo regular a vida de todos (o governo italiano demonstra isso muito claramente), essa eliminação da liberdade tem consequências dramáticas, porque não queremos ser todos escravos ou manobráveis segundo a ordem de um mecanismo central. Como se faz, então, para resistir? Como se faz para colocar uma alternativa ao predomínio do poder, que quer tomar a posição que determine todos os aspectos, todas as expressões da vida do homem, ditar até as leis morais? O único recurso para frear a invasão do poder está nesse vértice do cosmo que é o eu, e é a liberdade”.

Cada um de nós precisa comparar-se com essa resposta. Quem diria isso? Quem teria indicado como recurso para frear a invasão do poder justamente o eu, a pessoa? Não o tomemos como coisa óbvia, porque é a coisa menos óbvia que há entre nós; somos tão determinados pela mentalidade de todos que, muitas vezes, nos sentimos como uma peça do mecanismo das circunstâncias. Somos panteístas e nos concebemos como uma parte do todo, onde o eu desaparece, e então colocamos, como todos, a nossa esperança no poder.

Dom Giussani insiste: “O único recurso que nos resta é uma forte retomada do senso cristão do eu. Digo do senso *cristão* não por um preconceito, mas porque, de fato, é só o discurso de Cristo, a atitude de Cristo, a concepção que Cristo tem da pessoa humana, o que explica todos os fatores que nós sentimos irromperem dentro de nós, emergirem em nós, e por isso, mesmo numa defesa extrema do poder, nenhum poder poderá esmagar o eu como tal, impedir que o eu seja eu [que provocação relê-lo nesta situação atual!]. [...] A insistência sobre o valor do eu se desenvolveu, portanto, desde o início, [...] e foi não só a razão de um aprofundamento, de um desenvolvimento da religiosidade como categoria fundamental do eu, mas também a origem fascinante da relação com todos os níveis do conhecimento, a origem de ler a experiência humana como é nos homens mais geniais, mais dotados dessa sensibilidade, por isso os poetas e toda a expressividade do homem. Assim vocês entendem por que eu parti de Leopardi: era o autor,

a expressão que eu mais havia estudado (tinha aprendido de cor quase todas as suas poesias), em quem eu havia captado a questão fundamental. [...] De qualquer modo, a frase que eu citei de Jesus é trágica, mas é trágico também o fato [esse é um juízo que nos diz respeito] de eu não ouvir citada por outros a frase que citei de Jesus, a não ser alguma rara vez, porque para nós, no início, foi justamente o ponto de referência. Por isso, realizem-na, realizem toda a dinâmica, desenvolvam também vocês a dinâmica, que transmitimos por anos, da razão principal da nossa amizade, da nossa companhia e da nossa amizade [essa é a razão fundamental, sem isso não nos interessará mais no decorrer do tempo], que é a realização do coração, das exigências do coração, sem o qual o niilismo seria a única consequência possível”¹⁵.

Eis a nossa situação: um eu não mais consistente, que busca o poder pelo medo desse niilismo, que busca a satisfação onde todos a buscam, que tem medo da perda do poder, como todos.

Mas o que é o eu para poder frear a invasão do poder? Onde está a sua consistência? A pessoa é a sua autoconsciência. Toda a consistência do eu está na sua autoconsciência. “O que urge a fim de que a pessoa exista, a fim de que o sujeito humano tenha vigor nesta situação em que tudo é arrancado do tronco para se tornar folha seca, é a *autoconsciência*, a percepção clara e amorosa de si, carregada da consciência do próprio destino, e assim capaz de afeição verdadeira a si mesmo, libertada da obtusidade instintiva do amor próprio. Se perdermos essa identidade, nada nos vale”¹⁶.

Mas o que quer dizer essa percepção clara e amorosa de si, consciente do destino, capaz de verdadeira afeição a si? A autoconsciência não é um intimismo, não é uma introspecção intimista de si. Que consistência pode ter uma coisa desse tipo? Que consistência pode nos dar? “A força desse sujeito que se chama ‘eu’, a força da pessoa, a consistência dessa pessoa não está na intimidade, na posse íntima e avulsa do resto, mantido livre do resto, mas vem de uma outra pertença”. Mas que tipo de pertença? “A grandeza do sujeito, a novidade da pessoa, é dada por uma pertença que não está nas coisas que acontecem, nem nos jardins por nós imaginados e construídos, nos jardins terrestres por nós pensados e construídos: está na pertença Àquilo de que todas as coisas são feitas. Na relação com o que acontece há algo que

¹⁵ Giussani, L. “Accettiamo la vita perché tendiamo alla felicità”, in *Tracce-Litterae Communionis*, n. 5, 1998, pp. II-VI.

¹⁶ Giussani, L. “È venuto il tempo della persona”, in *op. cit.*, p. 12.

vem antes, algo maior reconhecido: é o que dá conteúdo ao verdadeiro protagonista da história, ao verdadeiro lugar criativo da história, que é o sujeito, a pessoa, isto é, você, eu. Mas a força do eu e do tu, a força do sujeito, da pessoa, está em algo diferente ao qual o eu pertence totalmente, ao qual o eu reconhece pertencer inteiramente. Essa é a vivência da personalidade: reconhecer que pertence ao que me faz”¹⁷. Por isso, quando nós continuamos a usar a razão de modo racionalista, quando sucumbimos constantemente ao positivismo que nos leva a ficar somente na aparência, mesmo estando aqui, nós não vivemos a pertença a Quem nos faz; Aquele que nos faz é a última coisa que determina a nossa consciência, porque a autoconsciência é justamente o reconhecimento de pertencer Aquele que me faz. Por isso, não é nada óbvio que seja habitual em nós a consciência do décimo capítulo de *O senso religioso*: “Eu sou Tu-que-me-fazes”¹⁸. Tão logo acontece alguma coisa, nós ruímos, e não ruímos porque somos frágeis, pelas circunstâncias, pelo ambiente... vamos parar com isso! Nós ruímos por essa falta de autoconsciência. Porque nenhum poder deste mundo poderia nos derrubar, qualquer que fosse a circunstância, se nós tivéssemos essa autoconsciência, porque a autoconsciência não está na energia física, não está na nossa possibilidade de sucesso, não está na nossa capacidade. A nossa força, toda a energia da nossa força está simplesmente em reconhecer Aquele a quem nós pertencemos, Aquele que nos faz agora. Porque o Senhor é tudo, mas “não por força de um sentimento nosso, porque ‘sentimos’ que é tudo; não por força de um ato de vontade, porque ‘decidimos’ que seja tudo; não de forma moralista, porque ‘tem’ de ser tudo, mas por natureza”¹⁹.

Mas como chegamos cada vez mais a essa consciência? “O fato de o Senhor ser tudo por natureza não emergiu como fruto de uma sabedoria, não saiu de uma reflexão filosófica. Que o Senhor é o Senhor que nos constitui, e assim determina a vida, apareceu evidente no seio de uma Sua intervenção na história, por meio de uma Sua revelação histórica. Deus revelou ao homem a face do seu destino revelando a Si próprio, deu a conhecer o nome do destino humano por meio da Sua presença, Ele interveio na história para nos lembrar que é o destino para o homem, o *unum* capaz de tornar humana a vida do homem”²⁰.

¹⁷ Equipe dos Universitários, Milão, 10 de fevereiro de 1990, Arquivo de CL.

¹⁸ Giussani, L. *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009, p. 162.

¹⁹ Giussani, L. *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 26.

²⁰ *Ibid.*

Aqui Dom Giussani nos detém: “O que conta é o sujeito, mas o sujeito – como acenamos – é a consciência de um acontecimento, o acontecimento de Cristo, que se tornou história para você por meio de um encontro que você reconheceu”²¹.

Por isso o conteúdo da autoconsciência é a memória de Cristo. “A reconquista para o homem, em qualquer dos seus interesses ou da sua expressão, só pode partir de uma recuperação, plena de dor pelo esquecimento, da memória de Cristo: a memória de Cristo como conteúdo normal da autoconsciência nova do cristão”²². Porque é esse conteúdo da memória que decide a estatura de uma personalidade. Mas isso vale para qualquer homem: não há identidade do eu sem memória, a consistência da sua personalidade está na memória. Então, o que faz a diferença é o conteúdo da memória. Mas logo em seguida Dom Giussani nos diz qual é a sensação que nós temos quando dizemos essas coisas: “Ter a coragem de afirmar que o problema fundamental é tornar habitual o desejo da Sua memória, a consciência da Sua presença, não pode chegar a nós como a pretensão de algo abstrato, que se acrescenta, que se sobrepõe a problemas percebidos como mais urgentes e concretos”²³. Essa é a questão: para nós, tudo isso é abstrato, e, portanto, não nos prende, sentimos Cristo distante do coração, e então preenchemos o vazio com outras coisas, procuramos preenchê-lo de tão forte que é a urgência do coração. Se o nosso coração não é preenchido por Cristo como algo real que nos prende, então sucumbimos como todos a buscar a plenitude onde todos a buscam, porque um “Cristo abstrato”²⁴ não nos preenche!

Então, a questão é como Cristo torna-se o conteúdo da autoconsciência, como cresce em nós a memória de Cristo capaz de vencer essa distância entre Cristo e o coração. O caminho nos foi indicado pelo próprio Dom Giussani; é simples: seguir um mestre. “O desejo da lembrança de Cristo amadurece como história em nós, não cresce automaticamente, mas – como cresce qualquer outra capacidade nossa – seguindo alguém. Assim como não podemos possuir o projeto da nossa maturidade, não podemos escolher o mestre, temos apenas de reconhecê-lo. O mestre a seguir foi dado pelo Senhor, foi o Senhor que o colocou no nosso caminho, na via que estamos percorrendo. Se nós

²¹ Equipe dos Universitários, Milão, 10 de fevereiro de 1990, Arquivo de CL.

²² Giussani, L. “C’è perché è presente”, in *op. cit.*, p. 13.

²³ Giussani, L. “È venuto il tempo della persona”, in *op. cit.*, p. 12.

²⁴ Giussani, L. *Em busca do rosto do homem*, *op. cit.*, p. 105.

mesmos devêssemos escolher o mestre, escolheríamos alguém que nos fosse mais cômodo, alguém que corresponde ao nosso gosto, ao nosso desejo de ver confirmado o nosso projeto. Seguir quer dizer identificar-se com os critérios do mestre, com os seus valores, com o que ele nos comunica, e não ligar-se à pessoa que em si é efêmera. É neste seguimento que se esconde e vive o seguimento de Cristo. Não o apego à pessoa, mas o seguimento de Cristo é que é a razão do seguimento entre nós”²⁵.

Trata-se de seguir um mestre, como já desde o início da história cristã propôs São Paulo, que ousou dizer aos seus amigos da cidade de Filipos: “Sede meus imitadores, irmãos, e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós”²⁶. Desde então esse foi o modo como o cristianismo se transmitiu por meio da história, como lembrou recentemente o Papa: “A partir de Paulo, ao longo de toda a história, houve continuamente tais traduções da vida de Jesus em vivas figuras históricas [...]. Os Santos nos indicam como funciona a renovação e como podemos nos colocar a seu serviço”²⁷. Por isso ouvimos em muitas ocasiões o que disse Dom Giussani: “Contemplem todos os dias o rosto dos Santos para encontrar repouso em seus discursos”. E nós, para onde devemos olhar? Que mestre seguimos?

2. O caminho de Dom Giussani

Todos nós reconhecemos que o mestre que o Senhor nos deu se chama Dom Luigi Giussani. O pedido de abertura da causa de canonização é sinal desse nosso reconhecimento diante da Igreja e do mundo. Portanto, só o seguindo é que podemos aprender a superar a distância entre o nosso coração e Cristo, a não senti-lo abstrato, a não reduzir Cristo a objeto de piedade, porque esse foi o alcance da vida de Dom Giussani: o Senhor, sempre presente na história, quis suscitar no meio do século XX um carisma como caminho para se conhecer Cristo, justo nesta situação cultural em que vivemos, porque o *humus* cultural que o Iluminismo introduziu na Europa determina em grande parte o nosso modo de viver o real e de viver a fé (pensemos no que dissemos, nos anos passados, sobre a fratura entre o saber e o crer, que reduz a fé a sentimento,

²⁵ Giussani, L. “È venuto il tempo della persona”, in *op. cit.*, p. 12.

²⁶ Fl 3,17.

²⁷ Bento XVI, *Homilia na Santa Missa do Crisma*, 5 de abril de 2012.

a devoção ou a ética). É por isso que a história de Dom Giussani é tão significativa, porque viveu as mesmas circunstâncias nossas e teve que enfrentar os mesmos desafios, os mesmos riscos, e teve que fazer ele próprio o caminho que descreve em muitos trechos das suas obras (como nos fez ver o nosso amigo espanhol Ignacio Carbajosa no último verão, nos Exercícios dos *Memores Domini*).

Confessa Dom Giussani: “Eu também corria esse risco [de reduzir Cristo a uma imagenzinha: recordação e piedade] no primeiro ano do ensino médio quando coloquei na minha escrivadinha o rosto de Cristo, de Carracci, que não era um grandíssimo pintor, porém me chamava a atenção para Cristo”²⁸. E nos Exercícios dos padres de 1993 ele dizia: “Deus nasceu de Nossa Senhora há dois mil anos e durante muitos anos eu imaginei que me relacionava com Ele com aquela atitude que poderia ser indicada pelo termo ‘piedade’: coincidia com a lembrança de um fato acontecido. Também na seriedade do sacramento eu sentia que havia alguma coisa incompleta nessa posição”²⁹. Um cristianismo reduzido à piedade era algo absolutamente incompleto. Por que incompleto? Porque um cristianismo reduzido à piedade, reduzido à lembrança, é uma redução do cristianismo, que perde as características históricas da carnalidade. O cristianismo, que é o acontecimento de Deus feito homem, com o tempo torna-se somente a lembrança de um fato do passado ou um sentimento que me provoca, mas isto não é o que aconteceu na história e não é capaz de incidir sobre nós e de responder a toda a espera do coração. Prossegue Dom Giussani: “Para mim o importante era lembrar-me dEle. Mas há alguma coisa incompleta nessa posição de reduzir a vida da fé à piedade”³⁰.

Também Dom Giussani teve de fazer um caminho. E o que lhe permitiu sair dessa redução desde os anos do seminário? Ele próprio nos conta. “Se eu não tivesse encontrado monsenhor Gaetano Corti no meu colegial, se não tivesse ouvido as poucas aulas de Italiano de monsenhor Giovanni Colombo, que depois se tornou Cardeal de Milão, se eu não tivesse encontrado jovens que frente ao que eu sentia arregalavam os olhos como diante de uma surpresa, tão inconcebível quanto agradável, se eu não tivesse começado a me encontrar com eles, se eu não tivesse encontrado cada vez mais gente que se envolvia junto

²⁸ Giussani, L. *É possível viver assim?* São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 256.

²⁹ Exercícios dos sacerdotes de CL, La Thuile, 31 de agosto a 3 de setembro de 1993, Arquivo de CL.

³⁰ Ibid.

comigo, se eu não tivesse tido essa companhia, se você não tivesse essa companhia, Cristo para mim, como para você, teria sido uma palavra, objeto de frases teológicas ou – nos melhores casos – apelo a uma afetividade ‘piedosa’, genérica e confusa, que se definia somente no temor dos pecados, quer dizer, num moralismo”³¹.

Portanto, se Giussani não tivesse encontrado certas pessoas, Cristo teria permanecido somente objeto de piedade, uma devoção, um apelo ao moralismo (muitas vezes vemos essa redução do cristianismo ao nosso redor). Essa é a força da palavra “contemporaneidade”: se Cristo não permanecer contemporâneo, será simplesmente um fato do passado, que não tem incidência sobre o meu eu presente. Por isso Dom Giussani dizia que se ele não tivesse encontrado Corti, Colombo, os jovens e tantos que começavam a arregalar os olhos frente à surpresa “tão inconcebível quanto agradável”, ou seja, se não tivesse visto Cristo presente e em ação, que muda a vida das pessoas, Cristo teria permanecido como um objeto de piedade. Ao invés, a relação com Cristo, com Deus feito homem, coincide com a relação com aquelas pessoas que documentam, que testemunham que Cristo está presente; mas não está presente porque elas estão fisicamente presentes (encontramos muitas pessoas que estão presentes e não provocam em nós grande mudança), mas porque vivem uma intensidade humana que documenta a Sua presença hoje. De fato, para testemunhar a Sua presença, hoje, por meio dessa intensidade, dessa mudança, é preciso que Ele esteja presente. E esse é o testemunho de que Ele está presente: pessoas mudadas, fascinadas por Cristo, não porque não cometam erros (como se o testemunho fosse reduzível a coerência), mas porque mesmo através dos erros – na disponibilidade contínua à correção – testemunham Algo que é maior do que elas. E a Sua contemporaneidade, por meio dessa mudança, dessa intensidade, dessa humanidade capaz de enfrentar tudo, dessa capacidade de viver a vida com plenitude, é o que acaba incidindo na vida, a ponto de me atrair, de me despertar, de fazer com que tudo se torne sinal dEle, até o ponto em que a relação com Ele coincide com a relação com qualquer coisa, com qualquer “tu”. Tudo se transforma em sinal. Na história de um grande amor tudo se torna sinal. Por isso repetimos, no Cartaz de Páscoa de 2011: “Cristo é algo que me acontece agora”³². Cristo não é um fato do passado. Está acontecendo agora. Essa é uma frase abstrata? É uma visão nossa ou se deparan-

³¹ Giussani, L. *Qui e ora. 1984-1985*, Bur, Milão 2009, pp. 209-210.

³² *Cartaz de Páscoa 2011* de Comunhão e Libertação.

do com certas pessoas não podemos evitar reconhecê-Lo, pois estando com elas, despertam todo o nosso desejo, toda a nossa humanidade um pouco adormecida, toda a nossa capacidade de desejar, todo o nosso desejo de plenitude, ao qual, muitas vezes, já quase havíamos renunciado, como cétricos? Somente se encontramos diante de nós pessoas nas quais podemos tocar com as mãos que Cristo está acontecendo agora (tanto que está além de qualquer imaginação, que está além de qualquer pensamento) é que podemos reconhecê-Lo contemporâneo.

Então compreendemos por que reduzi-Lo à piedade ou a uma imagenzinha ou a uma frase teológica era para Dom Giussani uma coisa incompleta. Essa experiência de Giussani, essa sua história, é um dom para a nossa vida: é possível viver a contemporaneidade de Cristo, na situação em que nos encontramos. É possível! Ele próprio documenta isso: “Cristo, este é o nome que indica e define uma realidade que encontrei na minha vida. Encontrei: ouvi falar da primeiramente quando era pequeno, depois quando jovem, etc... Podemos nos tornar adultos e esta palavra é conhecida por todos, mas para muitas pessoas não é algo encontrado, não é realmente experimentado como presente; ao passo que Cristo se deparou com a minha vida, a minha vida se deparou com Cristo justamente para que eu aprendesse a entender como Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *Cristo é a vida da minha vida*. NEle se realiza tudo o que eu gostaria, tudo o que eu busco, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim se desenrola por amor às pessoas com as quais Ele me colocou, ou seja, por amor a vocês. Como dizia Möhler em uma frase que citei tantas vezes: ‘Eu penso que não poderia mais viver se não o ouvisse mais falar’. Era uma frase que eu havia escrito sob uma imagem com a figura de Cristo de Carracci, quando estava no ensino médio. Talvez uma das frases que mais recordei na minha vida.”³³

Quem não deseja isso? Quem não deseja que Cristo seja cada vez mais a vida da sua vida? Não somente falar de Cristo, mas falar de Cristo porque não se pode viver sem ouvi-Lo falar. Para experimentar isso, Dom Giussani – como vimos – teve que fazer um percurso, que depois foi o que ele nos propôs. Nós precisamos decidir se vamos segui-lo ou não. A sua história é decisiva também para nós.

Quais são as condições necessárias para se percorrer essa estrada?

Ele mesmo o dizia, respondendo à pergunta de uma pessoa do Grupo Adulto: “Quando fiz a primeira reunião de padres – convidaram-me

³³ Giussani, L. *L'uomo e il suo destino*, op. cit., p. 57.

para falar porque já tinha me tornado conhecido, com centenas de estudantes que me seguiam –, o primeiro que se levantou me disse: ‘O que você recomendaria a nós, jovens padres?’. ‘Que sejam homens!’, lhes disse. ‘Como, que sejamos homens?!’. ‘Que sejam homens! Para serem bons padres, antes de tudo vocês devem ser homens. Se são homens, sentem aquilo que é próprio do homem, exigências e problemas típicos do homem, vivem a relação com tudo o que se torna presente e se irradia do presente até vocês. No esforço de responder a tudo isto, vocês aprendem seja a verdade em todas essas coisas, seja aquela verdade de Deus que realiza a verdade dos homens’”. Isso ele dizia aos padres – alguém pode pensar – e para nós? Eis como Dom Giussani continua: “Analogamente lhe respondo: seja humana, viva a verdade da sua humanidade”. Mas – atenção! – a nossa humanidade não é o elenco das coisas que fazemos ou das coisas que não funcionam, de modo que logo reduzimos tudo à ética. “A sua humanidade não é o que você faz agora, é como Deus a fez fazendo-a nascer no seio da sua mãe, quando você era pequena... também agora, de improviso, você volta a ser pequena e simples, e chora porque precisa chorar, é natural chorar, ou tem medo porque o problema é difícil e sente a desproporção das suas forças. Seja humana, viva a sua humanidade como aspirações, como sensibilidade aos problemas, como riscos a enfrentar, como fidelidade a ter para com aquilo que lhe urge no espírito, que Deus faz urgir no seu espírito desde a origem; e assim – segundo a sua pergunta – a realidade se apresentará aos seus olhos de modo verdadeiro. Para que Deus possa me responder, corresponder, satisfazer, é preciso que eu seja aquilo que me criou”³⁴. E como todos fomos criados com essa humanidade, essa humanidade todos nós a temos.

Essa lealdade com o próprio humano – tal como Deus nos fez, com toda a urgência, com toda a aspiração, sem domesticá-la, sem reduzi-la – é o que Dom Giussani percebeu em si e por isso via expressa em Leopardi essa vibração da sua humanidade, tal como ela foi feita. “Por isso, com treze anos decorei toda a produção poética de Leopardi, porque a problemática levantada me parecia obscurecer todas as outras. Durante um mês inteiro estudei somente Leopardi”³⁵. Tentemos imaginar o percurso que Dom Giussani começou a fazer, reconhecendo em Leopardi alguém que expressava o que ele próprio sentia: “Dulcíssimo, possante / dominador de toda a minha mente, [essa desproporção estrutural, essa urgência

³⁴ Giussani, L. *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 61-62.

³⁵ Giussani, L. *Una coscienza religiosa di fronte a G. Leopardi*, Milão, 1984, pro manuscrito.

do viver que dominava toda a mente de Leopardi, até o mais profundo de si] / querido e terrível / dom celeste [a nós muitas vezes parece terrível essa desmesurada profundidade do nosso sentir, tanto é verdade que nos parece um problema a ser resolvido, não o recurso que o Senhor nos deu com a nossa humanidade]; companheiro [tão nosso que é] / dos meus lúgubres dias, / pensamento, que a mim constante voltas [não podemos extirpar de nós a nossa humanidade, pois ela retorna]³⁶.

Não só é impossível extirpá-la de nós, como nós precisamos dessa humanidade! Por que Dom Giussani considera isso decisivo? Por que foi tão decisivo para ele? Porque essa humanidade nos foi dada para reconhecer Cristo, para reconhecê-Lo em toda a Sua potência, em toda a Sua pretensão de atrair inteiramente a minha humanidade, de responder ao meu desejo, à minha espera. É na resposta a essa minha espera, a essa minha humanidade, a essa urgência do viver, que eu posso conhecer Cristo. Por isso a devoção não basta, a piedade não pode ser adequada para se responder à essa urgência. Somente um Cristo não reduzido às costumeiras reduções é adequado. Por isso Dom Giussani insiste, como vimos no início de *Na origem da pretensão cristã*: “Para não considerar o cristianismo de um modo redutivo será preciso recorrer às noções de abrangência e completude que permitem perceber e considerar o fato religioso em si mesmo”³⁷, isto é, essa nossa humanidade.

É por isso que o humano de Giussani é parte do carisma, parte do dom que o Mistério nos deu historicamente nele, para nos testemunhar o que quer dizer Cristo. Assim, se nós começarmos a descartar o humano, a pensá-lo como um problema que precisa ser resolvido, inevitavelmente reduziremos o cristianismo a piedade ou a moralismo, e buscaremos a satisfação onde a buscam todos.

Por que foi dada essa humanidade a Dom Giussani fica claro no momento em que Cristo aparece com toda a Sua potência no horizonte da sua vida, que ele chama de “o belo dia”. É um episódio que marcou a sua vida e, portanto, o carisma, e que ele definirá como o momento mais decisivo da sua vida cultural. Corria o ano de 1939, ele estava com quinze anos. Imaginem uma humanidade como essa que acabamos de descrever, de alguém que passara um ano revolvido pela vibração humana que encontrava ao ler Leopardi, porque todas as outras coisas lhe pareciam secundárias. Um dia o seu professor de Religião no seminário, padre Gaetano Corti, explica a primeira página do Evangelho de São João:

³⁶ G. Leopardi, “O pensamento dominante”, *Cantos*, XXVI, vv. 1-6.

³⁷ Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012, p. 11.

“De repente disse: ‘Vejam: o *Verbo* se fez carne, quer dizer que a *Beleza* se fez carne, a *Justiça* se fez carne, a *Verdade* se fez carne. Beleza, Justiça e Verdade eram um homem, nascido de uma mulher, que caminhava pelas estradas deste mundo’. Para mim foi como que uma luz, um clarão fulgurante. Eu sempre gostei de Leopardi. Numa poesia que sempre me agradou, *À Sua Dama*, Leopardi se dirige à Mulher com “M” maiúsculo, à Beleza com “B” maiúsculo. E diz com paixão: “*Logo no princípio / De minha caminhada escura e avessa, / Julguei-te peregrina em meio ao pó. / Mas nada te recorda sobre a terra*”. E depois diz mais: “*De contemplar-te viva / Já não tenho esperança; / Talvez enfim, quando desnuda e só / Por nova senda à estranha vizinhança, / Surgir minha alma*”. Compreendi logo, naquela iluminação, que ‘o Verbo se fez carne’ era a reviravolta naquela tristeza. Era o anúncio de que essa Beleza se encontra ‘verdadeiramente’ pelas estradas deste mundo”³⁸. *Quid est veritas? Vir qui adest*³⁹.

“Ó bela que, distante, / Amor me inspira ou que se quer divino, / A menos que uma errante / Sombra me agite o sono”⁴⁰. E pouco abaixo: “De contemplar-te viva / Já não tenho esperança; / Talvez enfim, quando desnuda e só / Por nova senda à estranha vizinhança, / Surgir minha alma”⁴¹. E depois o trecho que todos aprendemos a amar: “Se das ideias puras / Uma és tu, que de forma tão sensível / Não quis do ânimo eterno estar vestida, / E entre náuseos detritos / Provar as ânsias da funérea vida; / Ou se outra terra em cíclicas espiras / Te acolhe entre universos infinitos, / E, mais bela que o sol, vizinha estrela / Te ilumina, e um benigno éter respiras; / Recebe, de onde o tempo é infausto e breve, / Deste amante ignoto o hino que ele escreve”⁴². Aí está todo o carisma! O que Leopardi sonhava, isto é, que essa ideia eterna da Beleza se tornasse forma sensível, se tornou um acontecimento na história. “Esse foi o momento mais decisivo da minha vida cultural”, diz Giussani. A humanidade de Dom Giussani estava tão escancarada que o anúncio cristão o prendeu de tal modo que, ao nos encontrarmos com ele, nos fascinou e nos levou a segui-lo. “Este foi o momento mais decisivo da minha vida cultural. Digo ‘cultural’ de tanto que a fé tem a ver com a razão [...]: a fé responde às exigências do coração mais do que qualquer outra hipótese; por isso é

³⁸ Giussani, L. “L’intervista”, in *Dimensioni Nuove*, n. 9, 1979, p. 21.

³⁹ “O que é a verdade? Um homem aqui presente” (Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos* 84, 13).

⁴⁰ G. Leopardi, “À Sua Dama”, *Cantos*, XVIII, vv. 1-4.

⁴¹ *Ibid.*, vv. 12-16.

⁴² *Ibid.*, vv. 45-55.

mais racional do que qualquer outra hipótese racional”⁴³.

Esse é o desafio que Dom Giussani lança hoje de novo a cada um de nós, e nós sabemos que não são palavras. Vimos nele até que ponto a fé responde às exigências do coração mais do que qualquer outra hipótese. Não se trata de imaginar o que aconteceu dois mil anos atrás. Agora, nesta situação histórica, com todo o racionalismo que nos invade, com toda a redução do humano que recai sobre nós, com todo o poder que quer arrancar tudo isso de cada fibra do nosso ser, aqui, agora, o Senhor nos deu Dom Giussani para fazer com que toquemos com as mãos como a fé responde às exigências do coração mais do que qualquer outra hipótese. Essa é a nossa cultura. “A fé é proposta como a suprema racionalidade, porque o encontro com o acontecimento que a veicula gera uma experiência e uma correspondência ao humano impensada, impensável”⁴⁴. É isso que nenhum poder deste mundo pode arrancar dos nossos olhos. Esse é o maior desafio que já nos foi dirigido.

É o que Dom Giussani desejava para o seu amigo Angelo Majo, em 1946, e tenho certeza que é o que deseja para cada um de nós hoje: “Desejo que Jesus se encarne nessas suas experiências, com essa inexorabilidade definitiva com que se encarnou no seio da Virgem Maria. Porque a maior alegria da vida do homem é sentir Jesus Cristo vivo e palpitante nas carnes do próprio pensamento e do próprio coração. O resto é veloz ilusão ou esterco”⁴⁵.

É assim que Jesus não fica fora, justaposto, longe do coração. Cristo é algo que está acontecendo agora, quando se encarna em nossas vísceras, mas para se encarnar em nossas vísceras são necessárias as vísceras, a humanidade. Só pode conhecer Jesus quem O vê encarnado nas próprias experiências, então entenderá o que é Cristo, “porque a maior alegria da vida do homem é sentir Jesus Cristo vivo e palpitante nas carnes do próprio pensamento e do próprio coração. O resto é veloz ilusão ou esterco”. Não é por moralismo que deixamos de ir atrás de outras coisas: é que elas se mostram a nós como ilusões. Portanto, é tudo menos moralismo!

Por isso entendemos o alcance e a graça do carisma para nós, para responder à nossa inconsistência hoje, para responder ao clima cultural em que vivemos hoje, para responder ao nosso niilismo, para res-

⁴³ Giussani, L. *Educar é um risco*, op. cit, p. 24.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Giussani, L. *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2007, p. 53.

ponder à nossa insatisfação. “Nós, cristãos, no clima moderno fomos separados não das fórmulas cristãs diretamente, não dos ritos cristãos diretamente, não das leis do decálogo cristão diretamente. Fomos separados do fundamento humano, do senso religioso. Temos uma fé que não é mais religiosidade. Temos uma fé que não responde mais como deveria ao sentimento religioso. Ou seja, uma fé não consciente, não mais inteligente de si. Dizia um velho autor, Reinhold Niebuhr: ‘Nada é mais absurdo do que a resposta a um problema que não foi colocado’. Cristo é a resposta ao problema, à sede e à fome que o homem tem de felicidade, de beleza, de amor, de justiça, do significado último. Se isso não estiver desperto em nós, se essa exigência não for educada em nós, o que Cristo está fazendo em nós? Ou seja, o que estão fazendo em nós a Missa, a confissão, as orações, o catecismo, a Igreja, os padres e o Papa? São tratados ainda com um certo respeito, dependendo das áreas de vida do mundo, são mantidos num certo período por força da inércia, mas não são mais respostas a uma pergunta, por isso não têm mais uma longa sobrevivência”⁴⁶.

E isso coincide com a observação do então cardeal Ratzinger: “A crise da pregação cristã, que há um século experimentamos em medida crescente, depende, em não pequena parte, do fato que as respostas cristãs negligenciam as interrogações do homem. Elas eram justas, e continuavam a permanecer tais, mas não tiveram influência porquanto não partiram do problema e não foram desenvolvidas no seio dele”⁴⁷.

⁴⁶ Giussani, L. *La coscienza religiosa nell'uomo moderno*, Centro Culturale “Jacques Maritain”, Chieti, 21 de novembro de 1985, pro manuscrito, p. 15.

⁴⁷ Ratzinger, J. *Dogma e predicazione*, Queriniana, Bréscia 2005, p. 75.

Sábado, 21 de abril, tarde

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Concertos para piano nn. 3 e 4

Alfred Brendel, piano

James Levine – Chicago Symphony Orchestra – Philips

■ SEGUNDA PALESTRA

Julián Carrón

A estrada para a autoconsciência: uma experiência vivida

Como é que podemos fazer hoje o mesmo caminho que, como vimos esta manhã, Dom Giussani também teve de percorrer, de modo que possamos realizar o que desejava ao seu amigo Angelo Majo e a nós, isto é, que Cristo se encarne nas nossas experiências mais humanas de modo a superar a justaposição entre Cristo e a humanidade, e assim vencer a distância entre Cristo e o coração? É preciso um caminho, não um milagre (como muitas vezes nós sonhamos), um caminho do qual nem Dom Giussani foi poupado. E para esse caminho são necessárias – como vimos na sua experiência – duas condições e um método.

1. Duas condições e um método

a) Primeira condição: um eu não reduzido

A primeira condição é um eu não reduzido. Esse fator decisivo da imposição de Dom Giussani, nós o vimos antes de tudo na sua experiência, mas insistiu nele em muitas ocasiões, como vimos na Escola de Comunidade, porque devemos ter presente a famosa frase de Barbara Ward: “Os homens raramente aprendem o que acham que já sabem”⁴⁸. Numa conferência, em 1980, no Centro Cultural San Carlo, Dom Giussani dá o exemplo que ficou na história como confirmação disso: “Os fariseus acreditavam que já sabiam, não aprenderam a reconhecer aquela Presença [não é que não a tivessem diante de si, porque não é suficiente tê-la diante dos olhos!] que era a resposta ao senso religioso deles e a toda a sua

⁴⁸ Cfr. B. Ward, *Faith and Freedom*, W.W. Norton & Company, Nova York 1954, p. 4.

história. Assim, nós podemos ser como os fariseus, porque ‘nada é tão absurdo como a resposta a um problema que não foi colocado’. Quantas vezes eu repeti essa frase, desde quando a li no livro que estudava. Cristo é a resposta à sede que o homem tem de viver a relação com aquilo que é o seu destino, o significado do que faz, de comer, de beber, de acordar, de dormir, de amar, de trabalhar. Na medida em que essa espera e esse desejo não estão vivos em mim, eu não consigo reconhecer a resposta que me é dada”. Não é que ela não me seja dada – atenção! –, pois posso repeti-la formalmente, como repetimos muitas das respostas cristãs, mas o coração está distante, vai procurar a satisfação em outro lugar. “É esse desejo que nos torna capazes de reconhecer o tom da Sua voz quando ela ecoa em nossa vida. O que nos faz reconhecer Cristo, o Seu tom, o tom da Sua presença, é a lealdade, a sinceridade, a intensidade desse desejo de conhecer o que Deus é para a minha vida, para a nossa vida [muitas vezes podemos estar no mesmo lugar, diante dos mesmos fatos, diante dos mesmos acontecimentos: muitos ficam admirados, impressionados, mas para outros não aconteceu nada; não é que os fariseus não viam os milagres!]. [...] Nada é mais absurdo do que a resposta a um problema que alguém não sente, que não se coloca. Por isso a coisa mais importante, não só para os não cristãos, para quem ainda não reconheceu Cristo ou para quem não O reconheceu nos Seus termos exatos, ortodoxos, mas também para nós, cristãos, que vivemos na Igreja, é a verdade do nosso senso religioso, porque então também a realidade de Cristo se comunica à nossa vida. [...] A coisa mais importante para compreender e nos deixarmos revestir e também ser transformados pela presença do nosso destino entre nós, do mistério de Deus entre nós, de Cristo, é manter puro, desimpedido, leal, sincero, esse senso religioso que é o constitutivo último da nossa razão e do nosso coração, e que se expressa na sede de conhecer e obedecer ao Mistério [...]. É isso que o Evangelho chama de ‘pobreza de espírito’, porque a pobreza de espírito, a pureza de coração, como a fome e a sede de justiça, todas as bem-aventuranças são sinônimas, são modos diferentes de dizer a mesma coisa: que nós devemos manter livre, desimpedido, límpido, o nosso senso religioso, isto é, que precisamos ser – se quisermos usar uma outra palavra – simples. Que a nossa origem realmente nos dite a atitude, ‘simples como as crianças’, como a criança é, com toda a sua natureza, nos seus olhos, olhando sua mãe ou as coisas, assim nós devemos ser”⁴⁹.

⁴⁹ Giussani, L. “Dal senso religioso a Cristo”, in *Dove la domanda si accende*, org. por Fornasieri, C. e Lanosa, T. Itacalibri, Castel Bolognese 2012, pp. 53-56.

É verdadeiramente bem-aventurado quem tem fome para reconhecer a resposta que é Jesus. A sede e a fome não são um problema, coisas que precisam ser canceladas! Não! No Evangelho Cristo fala dessa fome e dessa sede como bem-aventuranças! Nós somos bem-aventurados se as temos, e Jesus chama de bem-aventurados aqueles que têm fome e sede, não aqueles que se acham melhores e que não erram. No Evangelho não deixa passar nenhum erro, nem dos Seus amigos. Mas não era isso que fazia a diferença. O que Ele louva é a fome e a sede, a simplicidade da criança, porque esta é que é necessária para se reconhecer a Sua presença contemporânea, que é a segunda condição da estrada.

b) Segunda condição: a contemporaneidade de Cristo

A condição para que a minha sede e o meu desejo possam reconhecer que Cristo é Cristo é que Ele esteja diante de mim com toda a Sua imponência, com a imponência da Sua presença contemporânea.

Mas em todas as ocasiões a Sua Presença se reduz ao que nós podemos compreender. É como se disséssemos: a presença de um personagem histórico, como no caso de Jesus, permanece na história, é contemporâneo tal como é contemporâneo um personagem do passado, isto é, por meio da sua lembrança, por meio da sua doutrina, por meio dos valores por ele proclamados. Mas o cristianismo tem a pretensão de ter introduzido na história uma outra forma de presença. O que permanece não são apenas os ensinamentos, ou os valores, ou a doutrina, mas justamente a Sua presença, pessoal. Cristo tem a pretensão de permanecer Ele mesmo como presença viva e atual, que desafia a nossa medida. Nós lembramos na Páscoa: “Procurais Jesus de Nazaré, o Crucificado? Ressuscitou, não está aqui”⁵⁰.

Como Cristo permanece como presença contemporânea? Por meio daqueles que Ele agarra no Batismo. “Ele assemelha a Si todos os homens que o Pai Lhe entrega nas mãos, todos os homens que O reconhecem, os assemelha a Si de modo que esse Seu devir realmente coincide com um fenômeno visível, tangível, concreto, que é a companhia dos crentes, a assembleia dos crentes, Seu corpo misterioso”⁵¹. E isso permite a Cristo ressuscitado tornar-se presente agora por meio da carne daqueles que O reconhecem: “É no Seu sinal, no sinal que Ele construiu, que Ele criou como lugar da Sua presença real, é no Seu sinal que nós podemos entender, tomar consciência e compreender e crer em Cristo, que Ele ressuscitou. O acontecimento da Sua vitória definitiva, por isso,

⁵⁰ Mc 16,6.

⁵¹ Giussani, L. *Qui e ora. 1984-1985*, op. cit., p. 151.

continua hoje em dia, a todo instante, o alvorecer do fim do mundo, a Sua ressurreição, a Sua vitória é no Seu sinal que nós a podemos ver”⁵². Isso significa que a contemporaneidade de Cristo precisa respeitar as características da Sua figura histórica, portanto não pode ser reduzida a um discurso ou a uma ética ou a um sentimento, mas tem que ser uma presença – como vimos na Escola de Comunidade – presente, carnal, ir-redutível, fácil de reconhecer, atraente, pois corresponde à espera do coração. “É numa carne que nós podemos reconhecer a presença do Verbo feito carne; se o Verbo se fez carne, é *numa carne* que nós O encontramos. [...] Se Deus se fez carne, se fez homem, é por meio de uma realidade *humana* que eu devo entendê-Lo, senão teria sido inútil fazer-se homem”⁵³.

c) *Um método*

Justamente porque está presente diante de mim, da minha sede, para conhecê-Lo preciso de um método. Uma vez que “o objeto não consiste numa lista de proposições nem na plausibilidade de uma crônica, mas na veracidade de um testemunho sobre uma pessoa viva que foi, até hoje, a única a pretender ser o destino do mundo, o Mistério que entrou a fazer parte da história”⁵⁴, para conhecê-Lo são necessários dois requisitos indispensáveis.

O primeiro requisito é o que Dom Giussani chama de “convivência com Ele”⁵⁵. De fato, “eu estarei tanto mais habilitado a ter certeza sobre uma outra pessoa quanto mais estiver atento à sua vida, isto é, quanto mais compartilhar da vida daquela pessoa. A necessária sintonia com o objeto que desejamos conhecer é uma disposição viva que se constrói no tempo, na convivência. Por exemplo, no Evangelho, chegou a compreender que naquele Homem era preciso ter confiança quem o seguiu e compartilhou da Sua vida, e não a multidão que O cercava a fim de ser curada”⁵⁶.

O segundo requisito é a inteligência dos indícios, a atenção aos sinais. “Quanto mais alguém é potentemente humano, tanto mais é capaz de chegar a certezas sobre um outro a partir de poucos indícios. Nisso reside justamente o gênio humano”⁵⁷.

Com esses requisitos podemos nos identificar com o caminho dos discípulos, mas – atenção! – essa identificação, por tudo o que já dissemos,

⁵² Giussani, L. *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2002, pp. 151-152.

⁵³ Giussani, L. *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p. 123.

⁵⁴ Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 61.

⁵⁵ Giussani, L. *O senso de Deus e o homem moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 74.

⁵⁶ Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 62.

⁵⁷ *Ibid.*

não pode ser reduzida a uma lembrança do passado ou a reflexões sobre o texto, substituindo a experiência por comentários (como costumamos fazer!). A única verdadeira identificação é participar, no presente, da mesma experiência deles pela convivência com a contemporaneidade de Cristo, que se torna experimentável numa presença irredutível às nossas tentativas de submetê-la à nossa medida. Vamos nos servir de um capítulo do texto da Escola de Comunidade.

2. O caminho dos discípulos: a estrada da certeza

O quinto capítulo de *Na origem da pretensão cristã* eu quase diria que é o nosso capítulo, o capítulo do caminho, porque o encontro todos nós já o fizemos, tanto que estamos aqui, o que é preciso agora é que aprofundemos a certeza. Pois a inconsistência que muitas vezes apresentamos põe em evidência que essa certeza, em muitas ocasiões, é frágil, mas não é frágil porque não a encontramos, é que não é suficiente fazer o encontro para alcançar a certeza. Por isso esse capítulo descreve o percurso que os discípulos fizeram para aprofundar a certeza.

“Vejam agora como se confirmou o caráter excepcional do fato encontrado, ou seja, como uma impressão, embora carregada de evidência, transformou-se em convicção. [...] Quando se encontra uma pessoa importante para a nossa vida, há sempre um primeiro momento em que o pré-sentimos; alguma coisa dentro de nós se curva à evidência de um reconhecimento iniludível: ‘é ele’, ‘é ela’. Mas só o espaço conferido à repetição dessa documentação confere à impressão um peso existencial. Isto é, só a convivência faz com que essa impressão vá penetrando cada vez mais profunda e radicalmente em nós, até que, num certo momento, torna-se certeza”⁵⁸. Mas para que essa impressão cheia de evidência se torne certeza é preciso que entre cada vez mais radicalmente, mais profundamente em nós, até o ponto em que não esteja mais apenas fora, justaposta, mas dentro. Mas só a convivência torna possível uma coisa assim. O mesmo aconteceu conosco também. “Em uma cena do filme *Andrej Rublëv*, de Tarkovski, um de seus personagens diz: ‘Você sabe bem disso: nada dá certo, você está cansado e não aguenta mais. E, de repente, encontra na multidão o olhar de alguém – um olhar humano –, e é como se um divino escondido se aproximasse de você. E então, de repente, tudo se torna mais simples’. O acontecimento cristão se manifesta, se revela, no encontro com

⁵⁸ Ibid., pp. 71-73.

a leveza, a sutileza e a aparente inconsistência de um rosto que se entrevê na multidão: um rosto como os outros, mas tão diferente dos outros que, encontrando-o, é como se tudo se simplificasse. Você o vê por um instante, e indo embora carrega dentro de você o golpe daquele olhar, como que dizendo: Eu gostaria de ver de novo aquela face!”⁵⁹.

a) A trajetória da convicção

Esse é o início da trajetória da convicção: o desejo de rever aquele rosto. No entanto, só quem aceita envolver-se na convivência pode alcançar essa certeza que nos torna consistentes. A estrada da convicção é justamente essa, “esse caminho de ‘conhecimento’ receberá muitas outras confirmações no Evangelho, isto é, terá necessidade de muita sustentação, tanto que a expressão ‘os Seus discípulos acreditaram nEle’ será repetida muitas vezes, até o fim. Esse conhecimento será uma persuasão que irá avançando lentamente e nenhum passo sucessivo desmentirá os precedentes”⁶⁰. É preciso, mesmo contra o nosso parecer, sublinhar esse advérbio “lentamente”. E acrescento: graças a Deus!, porque do contrário, se fosse uma coisa que acontecesse de repente, num golpe, também poderíamos logo em seguida colocá-la em dúvida; mas se acontece quando chove, quando faz calor, quando estamos cheios de problemas, quando há escuridão, quando estamos confusos, então quando chegar o momento difícil não poderemos dizer que a inventamos num momento de euforia. O Senhor nos faz fazer uma estrada que parece lenta, mas é decisiva justamente para se adquirir uma certeza verdadeiramente segura, que ninguém pode colocar em dúvida, nem mesmo nós, pois penetrou em todas as fibras do nosso ser. Experimente colocar em dúvida a certeza sobre quem é a sua mãe! Experimente, quando esta penetrou fundo, até a medula!

“A convivência confirmará aquela excepcionalidade, aquela diversidade que desde o primeiro momento os impressionara. Com a convivência, a cada nova confirmação vai se ampliando uma certeza”. Esse é um caminho de conhecimento, não é uma visão, não é uma magia, não é algo de mágico que prescinde do envolvimento da nossa humanidade, que acontece quase que apesar de nós, repentinamente, sem consciência, sem empenho de si e sem drama, justamente como um milagre, não como um caminho (algo com que sonhamos). Nós em geral temos uma concepção da certeza, e portanto da fé, totalmente abstrata, como se fosse algo que se introduz em nós sem motivo, sem uma razão comunicá-

⁵⁹ Giussani, L. “Em caminho”, in *Passos-Litterae Communionis*, n.5 jan/fev 2000, p. 29.

⁶⁰ Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 73.

vel. Ao invés, “o Evangelho nos mostra que o fato de crer percorre toda a trajetória da convicção [isto é, faz parte do meu crer uma trajetória da convicção] numa repetição sucessiva de reconhecimentos, aos quais é necessário dar espaço e tempo para que aconteçam. Encontramos aqui, encarnado no testemunho evangélico, aquele chamado de atenção ao método, que recordamos no capítulo anterior. É tão verdade que o conhecimento de um objeto requer espaço e tempo, que, com maior razão, essa lei não pode ser desmentida por um objeto que se pretende único”⁶¹. Não existe um método diferente para um objeto que se pretende único, como é Cristo. Cristo se submeteu ao mesmo método, a fim de que nós possamos alcançar, a respeito dEle, a mesma certeza que podemos ter sobre qualquer outra coisa.

b) A descoberta de um Homem incomparável

Na convivência os discípulos, tal como nós hoje, se veem diante de um Homem incomparável.

Leiamos simplesmente – como eu fazia com os meus alunos no seminário – a descrição de um daqueles dias que Jesus passa com os seus discípulos: “Caminhando junto ao mar da Galileia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: ‘Vinde em meu seguimento e eu farei de vós pescadores de homens’. E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram. Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, eles também no barco, consertando as redes. E logo os chamou. E eles, deixando o pai Zebedeu no barco com os empregados, partiram em seu seguimento. Entraram em Cafarnaum e, logo no sábado, foram à sinagoga. E ali ele ensinava. Estavam espantados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas. Na ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído de um espírito impuro, que gritava, dizendo: ‘Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus’. Jesus, porém, o conjurou severamente: ‘Cala-te e sai dele’. Então o espírito impuro, sacudindo-o violentamente e soltando grande grito, deixou-o. Todos então se admiraram, perguntando uns aos outros: ‘Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros dá ordens, e eles lhe obedecem!’. Imediatamente a sua fama se espalhou por todo lugar, em toda a redondeza da Galileia. E logo ao sair da sinagoga, foi à casa de Simão e de André, com Tiago e João. A sogra de Simão estava de cama com febre, e eles imediatamente o men-

⁶¹ Ibid.

cionaram a Jesus. Aproximando-se, ele a tomou pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou e ela se pôs a servi-los. Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios. Não consentia, porém, que os demônios falassem, pois eles sabiam quem era ele. De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou-se e retirou-se para um lugar deserto e ali orava. Simão e os seus companheiros o procuravam ansiosos e, quando o acharam, disseram-lhe: ‘Todos o procuram’. Disse-lhes: ‘Vamos a outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí’. E foi por toda a Galileia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios”⁶².

Diz Dom Giussani: “Experimentemos pensar nesse grupo de pessoas que durante semanas, meses e anos viram coisas desse tipo todos os dias. Aqueles primeiros amigos, e outros que vieram, assistem cotidianamente a sempre mais excepcional exorbitância daquela personalidade”⁶³. Não é um problema somente de raciocínio. O problema é que os meus olhos, a minha sensibilidade, a minha razão, a minha humanidade inteira, ficaram marcados pelo que me aconteceu, como os seus olhos, a sua sensibilidade, o seu modo de ser ficou marcado pela sua mãe, de tal sorte que agora você não pode dizer “mãe” sem incluir tudo o que lhe aconteceu no relacionamento com ela. Não é um raciocínio que se pode eliminar com outro raciocínio, é a repetição contínua de uma imponência. Imaginem como os discípulos voltavam para casa todo dia, talvez não melhores, mais coerentes, mas cada vez mais com os olhos cheios daquilo que haviam visto: não podiam evitar voltar para casa sem carregar nos olhos os milagres, o Seu poder sobre a natureza, sobre a doença, a Sua inteligência única, a Sua bondade. Um acontecimento presente, fácil de ser reconhecido por uma criança. Tudo isso vale também para nós. Não podemos substituir a experiência deles pelos comentários sobre o que fizeram ou dizer as nossas reflexões sobre a experiência deles! Imaginem se alguma certeza pode vir daí, dos nossos comentários... Somente se nós pudermos fazer a mesma experiência que eles fizeram, poderemos alcançar a certeza que os discípulos alcançaram. O que eles viram deparando-se com a humanidade do homem Jesus de Nazaré, nós o vemos deparando-nos com o Seu rosto hoje, com a humanidade de pessoas mudadas hoje pelo encontro com o acontecimento de Cristo, reconhecido e acolhido.

⁶² *Mc* 1,16-39.

⁶³ Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 74.

Nós também, durante semanas, meses, anos, vimos e continuamos vendo fatos surpreendentes, excepcionais (é só pensar nas coisas que contamos uns para os outros toda vez que nos encontramos), um por um, marcas de uma humanidade mais verdadeira e desejável, diferente porque mais completa, uma alegria mesmo na dor (como os testemunhos recentes de alguns de nós que morreram ou dos seus familiares e amigos), uma gratuidade impensável num mundo em que tudo é interesse, uma fecundidade de amizade num contexto em que predomina uma solidão espantosa, uma unidade de vida e entre as pessoas onde tudo é fragmentação, uma incansável capacidade de construção até nas situações mais difíceis, em que a pessoa é tentada a desanimar.

Nós assistimos hoje à diversidade, à excepcionalidade, à exorbitância da Sua presença, e o recém-chegado facilita esse nosso reconhecimento (porque muitas vezes nós já não nos maravilhamos mais!). Uma nossa amiga universitária me escreve: “Eu e um amigo propusemos o Cartaz de Páscoa e convidamos para a assembleia pública uma jovem do primeiro ano que tínhamos conhecido pelos grupos de estudo. Já no dia anterior ela dizia: ‘A amizade de vocês é especial. Não é a amizade que se estabelece entre colegas de classe, é comprometida, vocês ouvem muito, têm sempre a palavra certa na hora certa, e depois se vê que não sai da cabeça de vocês, isto é, se entende que alguém lhes ensinou a viver assim. O relacionamento entre vocês é belo, vivaz e intenso’. E depois ela foi à assembleia. ‘Para ser sincera, mesmo sendo cristã, até agora eu não havia encontrado nada de fascinante no cristianismo. Se tivesse que dizer o que me parece mais fascinante, eu diria que é a experiência de vocês. O modo como vocês vivem me interessa. Convidem-me para as coisas que vocês fazem, porque certamente eu irei. Talvez essa seja a estrada para entender melhor a minha fé’. Durante o diálogo com essa jovem desfizeram-se todas as minhas preocupações e todas as minhas dúvidas (por exemplo, quando me pergunto: mas como faço para anunciar Cristo?), porque enquanto eu a escutava sentia dentro de mim toda a vertigem por Aquele que tornava possível o que estava acontecendo diante dos meus olhos. Percebi com nitidez o que Giussani quer dizer quando diz que a fé é um acontecimento, um simples reconhecimento de algo que acontece. Aquela jovem, que descrevia tão claramente a experiência dentro da qual eu estou há anos, estava me colocando de novo frente ao fato de Cristo e à possibilidade de reconhecê-Lo. E, então, em mim nasceu a exigência de pedir, de apegar-me cada vez mais àquilo que tornou e torna a minha vida e os relacionamentos – como ela dizia – belos, vivazes e intensos, e a me educar cada vez mais para a simplicidade que ela teve ao atestar os dados da experiência”.

Entendem? “O maior milagre, que impressionava os discípulos todos os dias, não eram as pernas curadas, a pele purificada, a visão readquirida. O maior milagre era aquele a que já acenamos: um olhar revelador do humano ao qual era impossível se subtrair. Não há nada que convença um homem mais do que um olhar que o atinja e reconheça o que ele é, capaz de revelar um homem a si mesmo. Jesus via dentro do homem, ninguém podia se esconder diante dele, diante dele as profundezas da consciência não guardavam seus segredos. Como no caso da mulher de Samaria que, numa conversa ao lado do poço, ouviu-O contar toda a vida dela, e justamente tudo isso ela foi dizer aos habitantes da cidade como testemunho da grandeza dAquele homem: ‘Ele me disse tudo o que fiz’. Ou o caso de Mateus, o publicano considerado um pecador público porque estava a serviço do poder econômico romano, a quem Jesus, ao passar por ele simplesmente diz ‘Vem’. E Mateus, reconhecido, tomado, aceito, deixou tudo para trás e O seguiu. A mesma coisa aconteceu com o chefe dos publicanos, o homem mais odiado de toda Jericó: Zaqueu. Jesus, rodeado por uma grande multidão, está passando pela estrada e ele, de baixa estatura, sobe numa árvore para vê-Lo, curioso. Quando Jesus passa por baixo da árvore, para, olha-o fixamente e diz: ‘Zaqueu, desce logo daí que hoje quero ir à tua casa’. O que teria atingido Zaqueu? O que o teria feito correr cheio de alegria? Projetos sobre as suas riquezas, desejo de restituir em abundância o que acumulara com malícia, dar a metade dos bens aos pobres? O que foi que o atingiu a ponto de operar nele uma tão súbita mudança? Simplesmente foi atravessado e acolhido por um olhar que o reconhecia e o amava tal como era. A capacidade de apreender o coração do homem é o maior dos milagres, o mais persuasivo”⁶⁴.

Esse olhar que Jesus introduziu permanece na história e por meio desse olhar podemos continuar a fazer a mesma experiência de Mateus ou Zaqueu, como me escreve esta outra amiga: “Bom dia, sou Paula, lhe escrevo da África. Você não me conhece, mas preciso lhe agradecer porque de fato minha vida mudou, está mudando. Graças ao encontro com o Movimento, agora creio num Cristo ao nosso alcance, presente de verdade no meio de nós. Não preciso mais me lamentar por não ter estado lá quando Cristo dizia aos Seus apóstolos: ‘Sigam-me’. Esse ‘Siga-me’ Ele o está dizendo também agora justamente a mim. Ainda tenho tempo, e toda a minha vida adquiriu outra cor: levanto-me, agradeço a Deus e depois estou pronta para outra aventura, porque sei que me dirá ‘Siga-me’ e não posso perder

⁶⁴ Ibid., pp. 76-77.

essa ocasião, preciso estar muito atenta, e que bonito pensar que também eu posso olhar os outros com o mesmo olhar de Cristo. Que vontade de sair de manhã! É um desafio que torna a vida digna de ser vivida. Como posso deixar de lhe agradecer? Nunca antes alguém tinha me feito ver Cristo desse modo. Poderia ter morrido sem saber que o mundo era tão belo. Tudo começou quando encontrei uma das *Memores Domini* aqui, na África, há alguns meses. Ela provavelmente tinha o olhar de Cristo, os seus olhos falavam. Olhou dentro de mim e viu o belo onde eu mesma não o via. Nesse ponto eu a deixei entrar no meu coração e ela trouxe Cristo consigo. Os seus olhos se iluminavam quando falava dEle. Como não acreditar? Agora vou à Escola de Comunidade toda semana – ainda que, às vezes, o tráfego aqui possa ser terrível – porque não quero que o entusiasmo que sinto dentro de mim diminua. Consegui o Livro das Horas, aprendi o *Angelus* de cor, leio *Passos*, faço silêncio, mesmo tendo netos e filhos que correm pela casa. Estou disposta a tudo, desde que continue assim tão contente. Não posso contentar-me com menos do que isso. Agradeço a Deus, a Dom Giussani, ao senhor e aos *Memores Domini*. Que bonito seria se um dia alguém, depois de me encontrar, fosse até o senhor e lhe dissesse a mesma coisa!”

É um olhar que entrou na história e permanece na história. Isso quer dizer que é possível fazer a mesma experiência que os discípulos fizeram dois mil anos atrás. Os dois mil anos foram eliminados. Agora ela pode fazer a mesma experiência, não se limitando a fazer comentários sobre a experiência dos apóstolos!

É um olhar que não muda, mesmo que a pessoa tenha errado feio. “Tudo começou há mais ou menos um ano. Fui informado de uma situação difícil, de necessidade, e fui encontrar a pessoa junto com um querido amigo. Fico sabendo que se trata de um homem separado da mulher, que está em prisão domiciliar por causa de um grave problema de saúde. Ele próprio me diz que já havia cumprido dezoito anos de prisão e que ainda precisava cumprir mais doze. Considerava-se um felizardo, porque as duas penas de prisão perpétua que havia recebido foram comutadas para trinta anos. Durante muito tempo o relacionamento com ele não foi propriamente idílico: toda vez que eu ia lá, ele pretendia sempre mais, chegou mesmo a me pedir para pagar a conta de luz, de ir comprar o café, o óleo... um dia me deu até a lista de compras. Eu, com calma, cada vez lhe explicava a origem do meu gesto, do Banco de Solidariedade, mas apesar disso tudo me parecia perda de tempo, eu queria quase desistir. Um dia, sem que ninguém pudesse imaginar, ele me pergunta: ‘Mas por que o senhor continua a ter um olhar tão profundo para mim, que matei

dezessete pessoas?’ Ali, naquele instante, me perguntei: o que foi que ele viu em mim? E se abriu um mundo novo para mim. Nós nos tornamos amigos, quase nem se interessava mais pelos produtos que eu trazia, e com frequência eu aparecia sem nenhum pacote, só para conversar com ele. Agora, depois de 36 anos de Movimento – como milagre inesperado e tão desejado na minha vida –, a partir disso que não consigo mais afastar dos meus olhos, a relação com minha mulher, o olhar para os meus filhos e os meus netos, a relação com os amigos da Fraternidade e com aqueles com quem compartilho o trabalho, o cansaço de certos plantões noturnos... nada mais me sufoca. Só que os ingredientes são os mesmos, os plantões são os mesmos. Mudou simplesmente a música. De qualquer forma, jamais poderia imaginar, depois de tantos anos e tantas coisas consideradas óbvias, que pudesse chegar, num encontro inesperado, uma tal alegria que me pudesse encher o coração de alegria”.

Hoje nós, como os discípulos, estamos diante de uma Presença irreduzível. Uma outra pessoa me escreve: “Em fevereiro de 2011 encontro uma jovem do Movimento que trabalha na cidade onde eu também trabalho e passamos a nos encontrar. Acontece que frente às mesmas circunstâncias (missa, espetáculos, relacionamentos com os amigos) ela julga de um modo e eu, de outro, oposto, mas os seus juízos me derrubam. Assim, acabo sendo obrigada a deduzir que ela não é mais feliz do que eu porque as coisas para ela vão bem, mas porque o seu olhar é diferente, e esse olhar me fascina, compreende melhor os fatos, as circunstâncias, as pessoas... Enfim, me satisfaz mais, é mais verdadeiro do que o meu”. Isso a encoraja a se identificar cada vez mais com o caminho proposto na Escola de Comunidade e a certa altura se dá conta de que ela também experimenta um modo diferente de ver as coisas habituais, olhar que não é seu, mas de Cristo. “Experimento como é olhar as coisas com os olhos de Deus, as coisas da maneira correta, em sua verdade. Essa é a plenitude, isso faz florescer de novo a minha humanidade de um modo tão evidente que até os colegas mais próximos percebem, e pensam que eu encontrei um namorado. É realmente uma aventura que aguça a minha tensão por Ele e posso finalmente me lançar para além das Colunas de Hércules”. Os que estão à volta procuram entender a coisa e a primeira hipótese que lhes ocorre é quase sempre a de que ela arrumou um namorado.

c) O surgimento de uma pergunta e a irrupção de uma certeza

Esse olhar, que ninguém é capaz de tirar de si, que aos poucos penetra profundamente na vida, a certa altura faz surgir nos discípulos a pergunta: “Continuemos a imaginar o tipo de confirmação que os dias com

Jesus deviam representar para quem vivia ao lado dEle cotidianamente. Jesus, em todas as circunstâncias, surge como um ser superior a todos os outros; há nEle alguma coisa, um ‘mistério’, porque jamais se havia visto tanta sabedoria, tanta influência sobre os outros, um poder e uma bondade tais unidos. Essa impressão, como dissemos, vai se fazendo, aos poucos, mais e mais precisa apenas naqueles que se envolvem numa convivência sistemática com Ele: os discípulos. A excepcionalidade dAquele homem era tal que fazia nascer espontaneamente uma pergunta paradoxal: ‘Quem é?’. Paradoxal porque eram bem conhecidas a origem de Jesus, Sua identidade, Sua família, Sua casa”⁶⁵.

É a mesma pergunta que muitas vezes surge também hoje. Quantas vezes ouvimos as pessoas dizerem: “Quem são vocês? O que fazem para ser assim?”. Quantas vezes ouvimos alguém perguntar isso, e quantas vezes reaparece em nós essa pergunta diante de pessoas das quais podemos conhecer todos os detalhes histórico-biográficos, mas há nelas alguma coisa que escapa, um mistério, algo que as torna diferentes.

Leio outra carta: “Ontem me aconteceu uma coisa que me deixou impressionada, cheia de pedido e gratidão. Sou uma pesquisadora e às vezes preciso me deslocar para um laboratório diferente do meu, para fazer experimentos. Ontem uma moça estava por ali, com olhar abatido, e se lamentava por causa de algumas questões de trabalho desde o início do dia. À tarde, de repente ela me olha e me diz: ‘Ouça, como é que você é sempre tão otimista? O que é que te deixa tão contente?’”. É a pergunta que emerge diante de uma excepcionalidade única.

Escreve Dom Giussani: “Essa pergunta demonstra que não seria possível dizer por conta própria aquilo que Ele realmente é. Só é possível constatar que Ele é diferente dos outros, merece a mais completa confiança, e quem O segue experimenta a plenitude de uma vida incomparável [como constatava a jovem da carta]. Assim, perguntam-Lhe quem Ele é. Quando responde, os amigos creem na sua palavra, não porque ela seja evidente em si, mas por causa dos sinais indiscutíveis que impõem confiança; os inimigos, porém, não Lhe aceitam a resposta e decidem eliminá-Lo”⁶⁶. Isso é fundamental: se torna evidente se a pessoa fez o percurso quando chega o momento dramático e bellissimo descrito no sexto capítulo de São João. Depois de ter dado uma resposta à fome da multidão multiplicando os pães, as pessoas quiseram proclamá-lo rei. Mas aí se evidencia a diferença de Jesus. Sabendo que o homem não pre-

⁶⁵ Ibid., pp. 80-81.

⁶⁶ Ibid., p. 81.

cisa apenas de pão para viver, mas de algo mais para que a vida se torne digna de ser vivida, plena, começa a falar de Si como o pão da vida, da relação com Ele como algo que alimenta a vida. Ele está bem consciente de que somente se alguém se alimentar da Sua carne e do Seu sangue é que poderá viver verdadeiramente, tão grande é a sua necessidade. “Vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes”⁶⁷. Mas “se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”⁶⁸.

Diante dessa afirmação começam os problemas. Queriam fazê-Lo rei, o que mais Ele deseja? Aqui aparece a sua irredutibilidade, a de uma Presença que, para nossa sorte, não aceita ser atenuada, domesticada à vontade. Essa irredutibilidade é a nossa esperança, nos dá raiva, mas é a nossa esperança. “Mas quem você pretende ser?”. E, diante do escândalo, Jesus não cede, não quer fazer acordo, nem mesmo com Seus amigos, aos quais não diz “Pelo menos vocês fiquem, não me deixem só”. Não! Relança o desafio: “Não quereis também vós partir?”⁶⁹. Nessa pergunta emerge todo o respeito de Jesus, toda a estima de Jesus pela liberdade dos apóstolos e, ao mesmo tempo, a Sua certeza, a certeza de Jesus de que eles têm todos os elementos para julgar se é razoável ou não ficar com Ele. Por isso não tem nenhum receio de desafiá-los. Jesus não os poupa, não responde no lugar deles, não procura responder por eles, antes provoca-os de tal modo que sejam eles a responder, a tomar consciência do que estavam vivendo, a encontrar as razões para permanecer. E podemos imaginar com qual convicção saiu de cada fibra do ser de Pedro a exclamação: “Senhor, nós também não compreendemos o que dizes, mas se formos embora, a quem vamos procurar? Só Tu tens palavras que explicam e dão sentido à vida”⁷⁰.

Uma pessoa pode repetir essa frase formalmente, sem perceber a intensidade com que Pedro disse aquelas palavras; mas é diferente quando são a repetição de uma frase já conhecida e quando nasce de uma experiência vivida. Se não nascem de uma experiência vivida não podem permanecer quando chega o momento dramático, e é suficiente qualquer imprevisto para que apareça diante dos nossos olhos a dúvida. Podemos ter visto isso nesses dias pela forma como reagimos diante do que acontece. Cada um pode ver como reage. “Vós também quereis ir embora?”. E isso nos obriga hoje a dar a nós mesmos as razões: nós, por que vamos

⁶⁷ Jo 6,26.

⁶⁸ Jo 6,53.

⁶⁹ Jo 6,67.

⁷⁰ Jo 6,68.

ficar? Porque toda a escuridão, toda a bagunça, toda a solidão de Pedro não foi capaz de eliminar nele a experiência que havia investido a sua pessoa. Essa é a consistência de um eu que não é mais forte porque é da maioria, mas é mais poderoso porque a sua consistência está toda baseada numa experiência como aquela descrita: por meses e anos, plasmados pelos fatos de que falávamos antes. Se não chegarmos a fazer uma experiência assim, qualquer momento, qualquer dificuldade, qualquer doença, qualquer crise, qualquer imprevisto, qualquer confusão, qualquer escândalo, qualquer erro vai mandar tudo pelos ares. É bellissimo que Pedro também tenha passado por uma situação semelhante, porque é como se dissesse a nós também: “Pode acontecer” e nos indica a estrada para permanecer. Se percorremos aquela trajetória que os Evangelhos nos testemunham, nós poderemos chegar a esse tipo de certeza que resiste, quase admirados de nós mesmos, quando chega a provação.

d) Um caso de certeza moral

E essa certeza, como acontece?

“A contínua reiteração dessa impressão de excepcionalidade proporcionada pela convivência determinava um juízo [um juízo, não um sentimento, não um estado de espírito] racionalmente plausível, justificando a confiança nEle. Com o tempo, adquiriram uma certeza sem precedentes quanto Àquele homem”⁷¹.

A excepcionalidade da pessoa de Jesus determinava um juízo que terminava num apego tal que, mesmo que todos tenham ido embora, eles ficaram. O fato de os discípulos terem sido capazes de alcançar tal nível de certeza quer dizer que está ao alcance de todos nós, de todos os que seguem a sua trajetória em meio a todas as turbulências e todas as circunstâncias, sejam elas belas ou feias.

Não é verdade, pois, que só podemos chegar a uma certeza no campo do conhecimento científico ou filosófico: podemos também alcançar sobre Cristo uma certeza sem paralelo, a ponto de nos apegarmos a Ele com um amor indestrutível. E – nos diz Dom Giussani – “o amor [...] é um juízo da inteligência que arrasta consigo toda a sensibilidade”. Mas o juízo – atenção! – não é uma coisa para intelectuais, para especialistas. “O juízo é um olhar para o ser, que é percebido como por uma criança”. Mais fácil que isso é impossível, até as crianças sabem disso! E “o resultado da realidade que emerge diante dos meus olhos é um maravilhamento. As certezas nascem daí [desse maravilhamento], as evidências da cer-

⁷¹ Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 74.

teza nascem daí; caso contrário, tornam-se uma definição do poder”⁷². A evidência é tão irredutível que nós não a podemos dominar, nós é que somos dominados pela evidência. Podemos dizê-lo simplesmente assim: primeiro me maravilho e depois me dou conta de ter me maravilhado. Mas se não tenho a simplicidade de reconhecer a evidência que faz com que eu me cole e procuro dominá-la, o que define a vida é o meu poder sobre a evidência, não é o poder dos outros sobre mim, mas o meu poder sobre o que acontece; e então não é mais amor, não é obediência a algo que vem antes: eu fico à mercê do meu poder, sou vítima do meu poder; ficamos sós, à mercê de nós mesmos, sozinhos com o nosso poder, isto é, com o nosso nada. Por isso, quando Giussani insiste em dizer que “todas as certezas nascem do maravilhamento”, nos indica a questão decisiva: não basta ver as coisas, é preciso que aquilo que vemos, a evidência que acontece diante de nós seja percebida com a nossa disponibilidade para nos deixar tocar. Ou eu sigo esse maravilhamento – dos discípulos naquela época, e nosso hoje – e me submeto à evidência do que vejo, adiro a essa evidência, ou decido eu mesmo o que vou seguir, e o que prevalece é o meu poder em relação ao que acontece. A vida é, na realidade, essa luta entre o maravilhamento e o poder, entre o render-se à evidência (isto é, deixar-se arrastar pela atração da Sua presença) e o resistir à evidência (fazendo prevalecer o próprio interesse e o próprio preconceito).

Todo o Evangelho é atravessado por essa dialética, e se quiserem vê-la em ação é só lerem o capítulo 9 do Evangelho de São João, o episódio do cego de nascença, e ali poderão ver o que é a consistência de um eu que se deixa determinar pela evidência do que lhe aconteceu. Que tipo de consistência é necessária para lutar contra tudo e contra todos, resistir! Nada, nem toda a dialética dos fariseus, nem todas as razões de oportunidade podiam demovê-lo daquela adesão simples à evidência: “Antes eu não via e agora vejo”. Todo o poder deste mundo não foi capaz de introduzir nem um instante de dúvida. Por quê? Porque a certeza nascia desse maravilhamento, da evidência à qual ele aderira, e isso lhe dava uma inteligência capaz de rebater a todos, que é algo impressionante. O episódio do cego de nascença esclarece bem o que Giussani diz: o conteúdo da autoconsciência é a evidência do que aconteceu, todas as certezas nascem daí. Ali vemos um homem que era o último, o mais ignorante de todos, um cego de nascença, que jamais havia enxergado, diante dos fariseus que eram os únicos a ter uma formação, mas nada disso os levou a vencer a simplicidade de alguém que se dobra à evidência. Por isso, cito sempre uma passagem do

⁷² Giussani, L. *O Eu, o poder, as obras*. São Paulo: Cidade Nova, 2001, pp. 71-72.

filósofo espanhol Xavier Zubiri: “O que é próprio da razão não são as suas presumidas evidências, nem o seu rigor empírico ou lógico, mas é sobretudo a força da impressão da realidade, segundo a qual a realidade profunda se impõe coercitivamente ao intelecto sensível”⁷³. As alternativas são: seguir a evidência ou fazer um acordo. Escreve Gianni Vattimo: “Não dizemos que estamos de acordo quando encontramos a verdade, mas dizemos que encontramos a verdade e estamos de acordo”⁷⁴.

Jesus não tem nenhum problema em dar aos discípulos todo o tempo de que eles precisam para alcançar a certeza, e não responde à pergunta sobre a Sua identidade até que eles próprios já tenham se decidido, porque eles têm todos os elementos para decidir. Que grandiosa liberdade! Entendemos então por que Dom Giussani desafiou a todos, por cinquenta anos, sobre a liberdade pura, como Jesus.

3. “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”

O que dissemos até agora podemos vê-lo resumido na primeira parte do discurso de Dom Giussani na Praça de São Pedro, em 30 de maio de 1998, que é como o testemunho que ele oferece, no final da sua vida, diante de toda a Igreja. Peça-lhe que o leiam, depois, com calma: “Que é o homem, para te lembrares dele, o filho do homem, para cuidares dele?”. Nenhuma pergunta me impressionou tanto na vida como esta. [Esse é o problema da vida: o que é o homem? O que sou eu? Onde está a minha consistência?] Houve só um Homem no mundo que podia me responder, colocando uma nova pergunta: ‘Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perder a si mesmo? Ou que poderá dar em troca de si mesmo?’ Nunca me foi dirigida uma outra pergunta que me deixasse sem fôlego como esta de Cristo! [É uma pergunta que carrega dentro de si toda a afirmação do eu] Mulher alguma jamais ouviu uma outra voz falar de seu filho com semelhante ternura original e indiscutível valorização do fruto do seu seio, com afirmação totalmente positiva do seu destino; só a voz do judeu Jesus de Nazaré. Mas, mais ainda, nenhum homem pode sentir-se afirmado com essa dignidade de valor absoluto, para além de qualquer sucesso seu. Ninguém no mundo jamais pôde falar assim! Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade. É a surpresa de Dionísio, o Areopagita (século V): ‘Quem poderá jamais fa-

⁷³ Zubiri, *Inteligencia y razón*, Alianza Edetorial, Madri 1983, pp. 95-96.

⁷⁴ Girard, R. – Vattimo, G. *Verità o fede debole?*, Transeuropa, Massa 2006, p. 32.

lar do amor ao homem que é próprio de Cristo, transbordante de paz?'. Repito estas palavras a mim mesmo há mais de cinquenta anos! [...] Era uma simplicidade de coração [eis aí de onde lhe vem a certeza!] que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional, daquela maneira imediata cheia de certeza, como acontece diante da evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, que, tendo entrado no horizonte da nossa pessoa, nos tocam até o coração. Reconhecer o que é Cristo na nossa vida invade portanto a totalidade da nossa consciência do viver: 'Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida'⁷⁵.

Foi assim que Cristo penetrou na vida de Dom Giussani. Se nós temos, pois, a simplicidade de reconhecer a excepcionalidade de Cristo de modo tão imediatamente seguro, como acontece pela evidência incontestável e indestrutível de certos momentos, então alcançamos uma certeza tal que ninguém pode tirá-la de nós, não porque sejamos melhores do que os outros, mas porque coincide com uma autoconsciência do eu toda investida por Cristo, pela Sua memória, pela Sua presença. O percurso que Dom Giussani fez e que nos propõe é o único que pode nos levar a entender, a partir do seio da experiência, o que São Paulo queria dizer com a expressão: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim". "Eu, mas não mais eu: essa é a fórmula da existência cristã fundada no Batismo, a fórmula da ressurreição dentro do tempo, a fórmula da 'novidade' cristã chamada a transformar o mundo"⁷⁶, diz Bento XVI. O que Cristo começou no Batismo se torna existencialmente meu como experiência; aquele Cristo que me tomou só se torna existencialmente meu como experiência se eu fizer essa estrada: esse é o único modo de derrotar qualquer tipo de niilismo. A convivência com Cristo plasma a vida de tal modo que Cristo não é mais justaposto, mas está dentro do nosso eu: não mais eu, mas é Cristo que vive em mim.

Diz Mario Luzi: "Sustento que essa é a plenitude cristã do destino: / estarmos prontos para o evento, deixarmos que a sua força nos atravesse, / até que possa nos re-plasmar e nos re-fundir"⁷⁷.

É o que vemos acontecer naqueles que se deixam arrastar assim, como conta Dom Giussani sobre o paralisado: "Jesus está ali, falando da porta de uma casa, e todo o povo congestionava a passagem para ouvi-

⁷⁵ Testemunho de Dom Luigi Giussani durante o encontro com o Santo Padre João Paulo II com os movimentos eclesiais e as novas comunidades. Praça de São Pedro, Roma, 30 de maio de 1998. Publicado em *Passos-Litterae Communionis* n. 72, maio/2005, p. 45.

⁷⁶ Bento XVI, *Discurso aos participantes do IV Encontro Nacional da Igreja Italiana*, 19 de outubro de 2006.

⁷⁷ Luzi, M. "Libro de Ipazia", *Teatro*, Garzanti, Milão 1993, p. 76.

-lo. Ao meio-dia precisava comer, mas ele – como dizem os evangelhos – esquecia-se até de comer: era como se, frente àquele povo sofredor, não conseguia ir embora. E chegam duas pessoas trazendo um homem paraplégico sobre uma maca [...]. Cristo se vira, fixa-o e diz: ‘Coragem, meu filho; os teus pecados te são perdoados!’. Com muita perspicácia, Jesus intui a depressão e a fraqueza moral que normalmente acompanha a longa doença (há mais de vinte anos está paraplégico), e essa é uma observação psicologicamente muito justa. Depois o cura, mas desafia os fariseus que estavam ali, escandalizados porque Ele havia dito ‘Coragem, teus pecados te são perdoados’. Mas imaginem aquele homem que se levanta da maca... [...]. Imaginem aquele paraplégico libertado, de pé, que fica ali no meio do povo como tantos outros; todos que o observam com curiosidade um pouco assustada pelo estranho fato, sobre-humano (pelo menos, estranho), que aconteceu no meio deles. Depois esse homem O seguirá, entenderá muitas coisas que Ele dizia; de qualquer modo, a coisa principal era compreensível por todos: Ele disse que era o Messias. Essa verdade de Cristo chegou a ele junto com o fato de que foi lá de maca e saiu da casa livre. Sua relação com Deus, o modo como rezou naquela noite, o modo como passou a frequentar o templo todos os dias, o sentimento da vida que tinha ao ver o sol se pôr e o sol nascer, ou quando ia trabalhar todas as manhãs com o espírito cheio de gratidão, com a alma cheia de temor misterioso, enfim, o sentimento em relação a Jesus, o modo como dizia que Jesus era o Messias – e o disse também aos outros, porque depois se juntou a eles e se tornou Seu discípulo –, o modo como caminhava junto com os outros nas aldeias anunciando que o Reino de Deus já estava entre eles (porque Jesus estava ali), o modo como fazia isso, o modo como pensava no seu passado (em toda decadência que tomara conta dele: as baixarias, os desânimos, as blasfêmias), o modo como havia tratado os familiares, o modo como tratava agora, eram todas ações que partiam de uma consciência de si, de um senso da sua pessoa, cuja fisionomia estava plasmada, nascera da lembrança de como Jesus o havia fascinado, de como Jesus o havia tratado, de como ele havia conhecido Jesus. A Madalena estava ali, à beira da estrada, curiosa (como todas as mulheres, mas ela em especial), olhando a multidão atrás daquele Jesus que se dizia o Messias (alguns meses depois o matariam); e Jesus, ao passar por ali, sem sequer parar, observa-a: desde então, ela não olhará mais para si mesma, e não verá mais os homens, o povo, a sua casa, Jerusalém, o mundo, a chuva e o sol, não poderá mais olhar todas essas coisas a não ser dentro do olhar daqueles olhos. Quando se olhava no espelho, sua fisionomia estava dominada, determinada,

por aqueles olhos. Tinha aqueles olhos dentro de si – me entendem? –. Seu rosto fora plasmado por ele. O Acontecimento alcançou de modo diferente o paralítico e Madalena. É o mesmo Jesus, é o mesmo objeto da crença, mas é diferente a fisionomia com que se apresenta; e essa fisionomia permanece por toda a vida. Durante toda a sua vida o paralítico ficou determinado por aquele ‘Eu te perdoo’, que o havia feito ressurgir, inclusive fisicamente. Madalena olhou toda a sua vida – nos detalhes e no conjunto – carregando dentro de si aquele olhar, que não foi seguido por nenhuma palavra, a não ser alguns dias depois, quando Ele, que se dizia profeta, foi convidado para comer com os chefes dos fariseus que o queriam surpreender num erro; ela entrou na sala do almoço sem pedir permissão a ninguém, rapidamente, e se lançou aos pés dEle, lavando-os com suas lágrimas e enxugando-os com seus cabelos, para o escândalo de todos (‘Se Ele fosse um profeta, saberia que tipo de mulher é essa!’). Mas toda a vida – nos detalhes e no conjunto – ela não conseguiu mais vê-la, senti-la, vivê-la a não ser dentro desse olhar⁷⁸.

Como o Acontecimento me atinge hoje? Já o vimos: por meio do carisma. “O modo como o Acontecimento nos atinge plasma a nossa face, a nossa personalidade. Quando digo ‘eu’, digo uma personalidade; quando alguém diz ‘eu’, diz uma personalidade; quando cada um de vocês diz ‘eu’, diz uma personalidade: somos todos homens, mas a personalidade é diferente, é plasmada de modo diferente, porque o ser chegou a mim por meio do meu pai e da minha mãe; o mistério do ser chegou a você por meio do seu pai e da sua mãe, que são diferentes dos meus, e por isso plasmou um rosto diferente. O modo como o Acontecimento o alcança define a sua personalidade, dá características que a sua personalidade carregará para sempre. E isso é muito visível quando há pessoas que levam Jesus a sério. Imediatamente o ambiente, se houver gente assim, se aquece, torna-se mais vibrante, mais movimentado, mais cheio de movimento: estão todos parados, sentados, mas se torna pleno de movimento, se torna pleno de proposta de palavras diferentes; e exige que você que fala mude as palavras e escolha palavras que sejam adequadas a diversos modos de escuta, a muitas personalidades diferentes. O modo como o Acontecimento alcança você plasma a sua personalidade, se adere a ele. Se você adere: isto é, se a presença do Mistério – o Acontecimento – o bloqueia, o reveste, o invade, e você o hospeda; no temor e no tremor, mas o hospeda. Então, muda a sua face. Acrescento, mais precisamente: faz vir para fora, faz vir à tona toda a sua capacidade, a sua originalidade, a sua genialidade. Como diz Miguel

⁷⁸ Giussani, L. *Dal temperamento un metodo*, Bur, Milão 2002, pp. 3-6.

Mañara: ‘Por que eu esperei tantos anos para entender que tinha alma boa?’. O carisma é o modo como o Acontecimento nos alcança. Você é um paralítico; o alcança e por toda a sua vida você partirá dessa lembrança; sem perceber, você partirá dessa lembrança; o seu rosto, o seu caráter será plasmado, isto é, o seu caráter será potencializado, evidenciado por essa lembrança. O carisma se torna o modo como você se torna você mesmo. ‘Por que levei tantos anos sem entender que tinha alma boa?’ (diz Miguel Mañara, o delinquente, o assassino). E o carisma nos alcança sempre por meio das palavras, de um discurso, por meio – mais precisamente – de um encontro. Um encontro: você encontrou essa companhia; esse é o modo como o mistério de Jesus, Jesus, a presença de Jesus na história, bateu à sua porta. Agora – agora! – está batendo do mesmo modo, porque é ‘ontem, agora e sempre’. Você se torna você mesmo seguindo essa companhia, isto é, buscando conceber a vida como a concebe essa companhia, procurando sentir os relacionamentos como lhe induz essa companhia, como lhe sugere essa companhia, como lhe dá o exemplo essa companhia (por isso é importante quem é maior ou quem tem autoridade). Você se torna você mesmo se obedecer, se se identificar com as características dessa companhia [...]. Então o problema não é observar certas regras, mas se identificar com um espírito, identificar-se com uma mentalidade, identificar-se com uma sensibilidade; isto é, identificar-se com um carisma – se diz com um termo global –, com um modo como o mistério de Deus feito homem o alcança persuasivamente e lhe diz: ‘Venha!’ E você pergunta: ‘Para onde?’ Resposta: ‘Para esta companhia’. Encontrou você por meio do quê? Dessa companhia. Se você se identificar com essa companhia, a sua fisionomia, o seu caráter, a sua personalidade revive, renasce; você descobre que sente, faz, entende coisas nas quais jamais teria pensado (sobretudo nas coisas habituais se entende isso, porque se entende, nessas coisas habituais, coisas nas quais jamais pensamos: Mas veja como é lindo! Duzentas vezes li isso e nunca me dei conta disso!). Essa é a soleira do infinito, é a soleira do eterno, mas a soleira do eterno que está nos próprios olhos, nas batidas do próprio coração, no próprio tato e, sobretudo, no próprio olhar sobre a realidade, na própria inteligência, na própria leitura da realidade, que se torna uma leitura leve – de criança ou de sábio – de coisas escritas com caracteres claros como jamais sonhamos⁷⁹.

O modo como o Acontecimento nos alcança e plasma o nosso rosto é o carisma de Dom Giussani. Por meio dele podemos ver como é possível viver o real, mesmo as situações mais dramáticas, carregando dentro

⁷⁹ Ibid., pp. 6-8.

a novidade desse olhar, que traz consigo uma capacidade de alegria antes impossível.

Uma de vocês me escreve: “Eu me perguntava, outra noite, na Escola de Comunidade, por que tinha vontade de gritar para todos a razão que descubro no fato de que não achava possível viver situações dramáticas com alegria. Mesmo tendo visto com meus próprios olhos em pessoas que me eram próximas, no fundo, no fundo, não acreditava que fosse possível também para mim”. É a surpresa de ver acontecer em nós algo no qual jamais havíamos pensado.

O Papa disse isso em Cuba: “A Igreja vive para partilhar com os outros a única coisa que possui: o próprio Cristo”⁸⁰. Se nós vivemos assim, podemos testemunhar a todos o que é Cristo e que tipo de novidade introduz em nossa vida.

Por isso Giussani visava à geração de um sujeito novo, capaz de testemunhá-lo: “Precisamos colaborar, ajudar no surgimento de sujeitos novos, isto é, de gente consciente de um acontecimento que se torna história para eles, do contrário podemos criar redes organizadas, mas não construímos nada, não damos nada de novo ao mundo. Por isso o que mede o crescimento do Movimento é a educação para a fé da pessoa: acontecimento reconhecido, que se tornou história. Cristo se tornou história para você porque o tocou por meio do que chamamos de encontro, de algum modo penetrou em você, tornou-se ‘inter-esse’, dentro do seu ser. De modo que temos alguém em quem reconhecer a totalidade da nossa humanidade, temos alguém em quem reconhecer o valor do mundo e a totalidade do mundo. Tudo é dado pela confiança nesse algo a quem podemos olhar, algo maior. Mas a influência sobre o ambiente, sobre a sociedade, é dada justamente pelo fato de reconhecer esse acontecimento, viver a fé, ter confiança nesse algo mais de que somos feitos, que se tornou nosso companheiro, torna também a nossa pessoa diferente, nos muda, de algum modo nos muda; e por isso nos tornamos perturbadores de uma normalidade insuportável e nos tornamos os exaltadores da normalidade verdadeira, quer dizer, da normalidade relacionada com o infinito: o pequeno se torna grande, tudo se torna grande. E isso enraivece os outros, porque retira deles qualquer pretexto para rebelião ou violência”⁸¹.

Essa é a nossa contribuição ao mundo de hoje, num momento em que vemos desorientação por toda parte.

⁸⁰ Bento XVI, *Homília na Santa Missa na Praça da Revolução de Havana*, 28 de março de 2012.

⁸¹ Equipe dos Universitários, 10 de fevereiro de 1990, Arquivo de CL.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 6,1-7; Sal 32 (33); Jo 6,16-21

HOMILIA DO PADRE MICHELE BERCHI

“Sou eu” (Jo 6,20). Essa é a palavra cheia de autoridade que o nosso coração espera. Essa afirmação segura e forte é o de que precisamos cada dia da nossa vida. Precisamos ouvi-la todos os dias, dentro de todas as circunstâncias, dentro de toda a realidade em que vivemos.

“Sou eu!” Se não somos alcançados por Ele assim, certamente ficaremos por conta das ondas, dos ventos contrários... e é inútil remar!

“Sou eu!” És tu! E os ventos e as ondas, em meio às quais estamos remando, se aplacam. Mas não se aplacam porque as circunstâncias mudam, mas porque o nosso coração não fica mais ao sabor das ondas, não é tomado por elas. Dar a paz ao nosso coração é um milagre maior ainda, mais poderoso do que acalmar os ventos e as ondas.

“Sou eu, não temais!” Como sempre, o Senhor acerta o alvo. Talvez antes destes Exercícios teríamos respondido: medo de quê? Ao invés, é justamente isso que, talvez, se hospeda no fundo do nosso coração. O medo que, como nos foi dito nestes dias, se enraíza em nossa insegurança; é o medo da realidade que não controlamos, da realidade que percebemos ameaçadora, o medo de não conseguir, o medo de que tudo isso seja uma ilusão, o medo de não resistir, o medo em relação aos filhos, aos amigos, ao emprego, o medo de toda a realidade. E não é agarrando-nos uns aos outros que o medo passa. Aliás, se Ele não estiver presente, podemos nos agarrar à vontade, podemos dizer uns aos outros: “Não tenha medo”, mas quanto mais o dizemos, mais ficamos assustados. Quanto mais nos agarramos uns aos outros, mais o barco se desequilibra.

“Sou eu, não temais!”. Só Tu, Jesus, podes dizer à nossa vida: “Não temais!”. Só Tu. Que bonito que o evangelista (que naquela noite estava no barco) diga, quase que de passagem, que “Quiseram, então, recolhê-lo no barco” (Jo, 6,21). Quiseram. Poderia ter escrito: “Subiu no barco”, “alcançou-os”; no entanto, escreve: “Quiseram”. Para a nossa experiência essa anotação se enche de significado e de clareza. Sabemos bem: não é automático, há necessidade da nossa liberdade: quiseram. Desejo, peço que o queira.

Nossa única tarefa: Te querer. “...mas ele imediatamente chegou à terra para onde iam” (Jo 6,21). O verbo que João usa para dizer que

chegaram, tocaram a terra, é o mesmo que usa para dizer que Jesus ia para o Pai. O nosso Destino coincide com a Sua presença, Ele presente entre nós, em nós. E, então, se toca a margem, e as coisas finalmente se tocam, se alcançam em sua verdade.

Só precisamos querer que Tu subas a bordo. Tu, que caminhas sobre as águas para nos alcançar e para não nos deixar sozinhos na trajetória da vida.

Domingo, 22 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, “Grande Missa” em dó menor, K. 427 (417a)

Barbara Hendricks soprano I, Janet Perry soprano II, Peter Schreier tenor,

Benjamin Luxon baixo

Wiener Singverein – Helmut Froschauer, maestro do coro – David Bell, órgão

Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 24, Deutsche Grammophon

Padre Pino. Qual é a diferença, neste momento, entre uma devota lembrança, entre a recitação de uma fórmula litúrgica e a possibilidade de sermos novamente feridos, tocados, agarrados por um fato totalizante, que não precisa de adendos, de esclarecimentos, de correções, de análises? Quem nos respondeu foi Dom Giussani naquelas três linhas de 30 de maio citadas por Julián ontem: “É uma simplicidade de coração que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional, daquela maneira imediata cheia de certeza, como acontece diante da evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, que, tendo entrado no horizonte da nossa pessoa, nos tocam até o coração”.

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Prosperi. O objetivo da assembleia não é fechar o problema, fechar as perguntas que surgiram nestes dias, mas, ao contrário, é abrir, fixá-las, para que aquilo que vivemos aqui se torne um passo certo na estrada. De fato, entre as numerosas perguntas que chegaram a nós vemos que muitas querem saber como fazer, como nos ajudar, o que nos ajuda em relação ao desafio que nos foi feito nestes dias. Mas nós, permanecendo fiéis ao método que nos foi proposto (não esperem um milagre, uma magia, mas um caminho), não podemos responder com uma receita, o que seria um engano. Privilegiamos aquelas perguntas que nos permitem entender mais profundamente

do que se trata, porque isso é o que nos ajuda na caminhada. Depois cada um tem o seu passo, e isso não nos assusta, ao contrário, faz parte da beleza do caminho.

Primeira pergunta: O que significa que a minha humanidade, exatamente como é, me é dada para reconhecer Cristo, uma humanidade que é um recurso e não um problema?

Julián Carrón. Como observamos ontem, a nossa humanidade, tal como nos foi dada desde o nosso nascimento, com essa abertura original, escancarada para o real – da qual a curiosidade da criança é a expressão mais simples que possa existir –, é um recurso documentado pelo fato de Jesus chamar de “bem-aventurado” quem tem essa atitude, quem reconhece essa sua humanidade, essa sua abertura original. As bem-aventuranças não são um elenco de regras morais que eu devo respeitar, não são um novo decálogo, como muitas vezes se pensa; as bem-aventuranças são a atitude que Jesus exalta como a condição para reconhecê-Lo, porque Ele nos fez com esse desejo ilimitado para poder compartilhar conosco a plenitude que Ele vive no seio da Trindade. Quis nos criar – pobres como somos, um nada –, com esse coração aberto para a totalidade para que possamos acolhê-Lo de forma a participar da alegria, da plenitude, que transborda do Seu mistério, do Seu ser. Por isso, essa nossa humanidade, tal como é feita, é a condição para que possamos ter a consciência de quem Ele é. Por isso Dom Giussani diz que o auge da criação, da realidade, é existir alguém, um ser no real, que possa reconhecê-Lo. Por isso é bem-aventurado quem tem essa abertura total. Mas muitas vezes nós operamos uma dupla redução. Por um lado, reduzimos o coração – esse nosso ser todo aberto, com todas as nossas exigências de beleza, de verdade, de justiça, de amor, de plenitude – a um sentimento; por outro lado, ao mesmo tempo, reduzimos a realidade à aparência. Para nos ajudar a evitar essas reduções, Giussani diz sempre que a realidade se faz transparente na experiência. A realidade do nosso ser, da natureza do nosso coração, torna-se evidente na nossa relação com a realidade, não numa reflexão sobre o nosso coração ou sobre a realidade, mas no impacto com a realidade, que desperta toda a exigência do nosso coração, toda a exigência de razão, de felicidade. E então descubro qual é o meu desejo. Portanto, o coração – nos disse Dom Giussani – está envolvido naquilo que experimenta. Porque, como vocês veem muitas vezes em seus filhos, e acontece também conosco, todos nós fazemos uma ideia daquilo que desejamos, como faziam os discípulos (nada de novo sob

o sol...), também eles faziam uma ideia do que lhes poderia verdadeiramente deixar felizes, como lembramos recentemente: quando eles voltaram da missão, eufóricos pelo sucesso, Jesus olha-os com aquela ternura cheia de afeição e lhes diz: “Mas vocês percebem como isso não é o bastante? Não se alegrem com isso, porque vocês sabem que isso, depois de algum tempo, não será mais suficiente. Só a relação comigo pode saciar essa sede”. E O tinham diante de si (isso é decisivo, e por isso Giussani insiste tanto nessa condição da humanidade). Não é que os discípulos não tinham Jesus diante de si; tinham o sucesso e tinham Jesus diante deles, mas continuavam a se alegrar mais com o sucesso do que com o fato de serem Seus amigos, com o fato de os nomes deles estarem escritos no Céu. Não sendo leais consigo mesmos, não podiam entender o alcance de Jesus. Em suma, sem uma consciência apaixonada e terna de nós mesmos, nós trocamos Jesus por qualquer outra coisa: pelo sucesso, pelo dinheiro, pelo prazer. Tanto é verdade que podemos ir embora como se nada tivesse acontecido, trocando a pertença a Jesus por um apaixonar-se ou pela carreira! Por isso com frequência citamos a frase de João Paulo II, de 1979, na Cidade do México: “Não haverá fidelidade [...] se não houver no coração do homem uma pergunta [...] para a qual só Cristo é a resposta”. Só Deus, só Cristo! Mas para reconhecer isso – que só Cristo é a resposta – é necessária uma pergunta que seja verdadeiramente humana. Do contrário, podemos continuar a falar de Cristo – dizemos Seu nome até demais! –, mas a experiência que fazemos não é de Cristo. Muitas vezes podemos trocá-Lo por qualquer coisa, tanto é verdade que se não acontecem as coisas segundo a nossa imagem, então pensamos que é Cristo que nos abandonou. Não! É diferente. Cristo não brinca conosco, não se contenta em nos dar uma resposta que depois nos manterá ainda desiludidos. A resposta de Cristo chama-se “amor”. Por isso – como dissemos ontem –, entendemos a insistência de Dom Giussani na necessidade de toda a humanidade para reconhecê-Lo. É o primeiro parágrafo da introdução de *Na origem da pretensão cristã*: “Ao abordar o tema da hipótese de uma revelação e, em particular, da revelação cristã, nada importa mais do que se perguntar qual é a situação real do homem. Não seria possível dar-se conta plenamente do que signifique Jesus Cristo sem antes nos darmos conta da natureza daquele dinamismo que faz com que o homem seja aquilo que é. Com efeito, Cristo se propõe como resposta àquilo que ‘eu’ sou e apenas uma tomada de consciência atenta, mas também terna e apaixonada, de mim mesmo pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer, admirar, agradecer, e vivenciar

Cristo. Sem essa consciência, até mesmo o nome de Jesus Cristo não passa de um simples nome”⁸². O nosso problema é a falta de lealdade conosco, com toda a exigência que carregamos. E isto entendemos muito bem: quando buscamos em outras coisas a satisfação, vemos claramente que elas não nos bastam, que não nos correspondem. Se trocamos Cristo por qualquer coisa, é uma deslealdade conosco mesmos. Não é um problema dos outros, não é um problema do poder, do universo: é um problema nosso, o problema da nossa imoralidade.

Prosperi. Pode ser melhor especificada a afirmação de que a irreduzibilidade de Cristo constitui a nossa esperança?

Carrón. O que procuramos explicar ontem com a passagem do Evangelho seguinte à multiplicação dos pães e dos peixes hoje pode nos ajudar a entender bem o que é a irreduzibilidade de Cristo. Porque Jesus é verdadeiramente uma outra coisa; Jesus é outra coisa! Nós podemos estar satisfeitos entre nós, com os filhos, com os amigos, podemos reduzir a necessidade, mas Jesus não faz assim conosco, e esse é o sinal mais evidente da Sua diferença. Atenção! Jesus não é alguém abstrato, percebe perfeitamente que aquela gente tem necessidade de pão. De fato, começa a responder a essa necessidade: multiplica os pães. Eles ficam tão admirados que querem fazê-Lo rei. Mas Jesus não se contenta com isso. Já O reconheceram, poderia ficar satisfeito com isso... Jesus sabe muito bem que aqueles homens são como todos, eles reduziram o desejo, reduziram a própria humanidade, reduziram a própria necessidade. Também Ele poderia ceder: “Muito bem, se vocês se contentam com isso, então se virem...”. Mas Jesus não cede, insiste; sabendo qual é a natureza da necessidade deles, insiste: “Vejam que a necessidade de plenitude de vocês é maior do que a fome natural de pão; de fato, muitos de vocês têm pão e lhes falta a alegria de viver; para muitos de vocês a vida vai bem, mas isso não basta para que ela tenha um sentido, um significado, não basta para se levantar de manhã, não basta para enfrentar as dificuldades, não basta, não basta! Então se não comerem a carne do Filho do Homem e não beberem o Seu sangue, não poderão ter a vida em vocês. Só se Me deixarem entrar como resposta à necessidade de vocês é que poderão verdadeiramente ser vocês mesmos, aquilo pelo qual vocês nasceram, o que cada

⁸² Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 11.

um de nós deseja para si e para os filhos e para os amigos”⁸³. Jesus sabe muito bem que prosseguindo nesse caminho aparecerão problemas; diante do medo da rejeição, da incompreensão, da solidão, do abandono, poderia ceder. Quantas vezes esse medo bloqueia as nossas relações! Por isso digo sempre que a liberdade é um bem muito escasso, verdadeiramente escasso: não é fácil encontrar pessoas que sejam irredutíveis diante da verdade. Por isso Jesus também poderia ceder. Mas qual é a esperança dos discípulos e nossa? Que Ele não ceda, que Ele continue a incitá-los mesmo quando a tentação é ceder. A nossa única esperança é que haja Alguém que seja irredutível ao nosso poder, às nossas tentativas de reduzir, à nossa busca da coisa mais cômoda, porque menos exigente. Que Cristo seja irredutível: essa é a nossa única esperança! E aí aparece verdadeiramente o mistério último de Jesus. Mas o que O torna tão irredutível a ponto de não fazer acordos, não aceitar nenhuma redução da proposta, tão independente da compreensão ou incompreensão dos outros, tão isento do medo de permanecer sozinho e recomeçar do começo? É a Sua ligação com o Pai, justamente porque era o Filho de Deus: “Vocês também querem ir embora? Eu nunca estou sozinho. O Pai que está comigo é Quem define a minha vida”. Tanto é verdade que, depois, quando ficou sozinho – porque todos, inclusive os discípulos, O abandonaram – Ele não cedeu diante da tentativa de Pedro ao dizer: “Mas por que a paixão e a morte? Quem O obriga a se submeter a isso?”. “Afasta-te de mim, Satanás!”⁸⁴. É somente essa ligação última com o Mistério, com o Pai, que pode tornar Jesus tão livre e irredutível. É a sua autoconsciência, definida pela Sua pertença ao Pai; a Sua força está na consciência da Sua relação com o Pai. Ele não foi poupado do sofrimento. Cristo introduziu na história uma figura de homem com uma tal autoconsciência da Sua ligação constitutiva que nenhum poder deste mundo pode cancelar. Podem até matá-Lo, isto sim! Mas não podem afastá-Lo dAquele a Quem está ligado mais do que a Si mesmo: o Pai. E é isso que Ele quer nos comunicar. Amigos, sem essa ligação, sem essa autoconsciência, nós não seremos tão irredutíveis, nem mesmo na relação entre nós. Não necessitamos de pessoas que cedem a fazer acordos, como se o nosso problema fosse evitar que ficassem com raiva ou que nós fiquemos sozinhos; precisamos de verdadeiros amigos, de companheiros de estrada. A verdadeira amizade é aquela da qual

⁸³ Cf. *Jo* 6,1-71.

⁸⁴ *Mc* 8,33.

Jesus nos dá testemunho. Ele amava ou não os Seus discípulos? Sejamos claros. Ele era amigo deles, preocupava-se com o destino deles ou não? Nós nos preocupamos com o nosso destino e com o destino dos nossos amigos desse modo, sendo irredutíveis? Atenção, não confundamos o termo “irredutível” com “agredir os outros”! Não se trata de agredir ou de insistir moralisticamente, mas de testemunhar ainda mais a Sua irredutibilidade: essa é a verdadeira insistência sobre os outros. Jesus não é violento, simplesmente não cede à medida deles! A irredutibilidade não equivale à permissão para entrar na consciência do outro para agredi-lo. Não! A verdadeira irredutibilidade é um testemunho, como vimos em Dom Giussani de modo claro: ele não aceitava acordos. Uma pessoa me escreveu falando a propósito de uma das últimas Escolas de Comunidade: “Na Escola de Comunidade de quarta-feira passada, como ultimamente me acontece, me foi muito difícil acompanhá-lo [sinto muito...]. Tenho uma subjetiva dificuldade de entrar na sua terminologia e nos percursos que propõe para chegar às conclusões que iluminam a vida. Também na quarta-feira eu o ouvi como um pugilista atordoado, tentando ficar conectado, mas não tive muito êxito: chegavam a mim mais palavras do que conceitos articulados, e entre estes cito ‘reduções’, ‘redução’, ‘risco de redução’, ‘nós tendemos a reduzir Cristo à nossa medida’. E depois outras palavras igualmente insistentes: ‘irredutível’, ‘Cristo irredutível’. Um verdadeiro massacre para um pugilista que já está nas cordas. Eu não entendia nada, e você martelava. Mas no final da noite aconteceu um fato: a palavra ‘irredutível’ entrou dentro de mim como o vento por uma janela repentinamente aberta. Cristo irredutível, Cristo não redutível à nossa medida? Mas então é isso que eu quero, o que busquei a vida toda! Sempre procurei algo que fosse infinitamente maior do que eu e me incomodava profundamente aquele Cristo fantoche nas mãos de algum ser humano, humano até demais. Mas se é assim, se Cristo é de fato tudo, Ele é a medida de tudo, Ele e nada mais. Na saída, eu caminhava mesmo como um pugilista atordoado e passados dois dias estou ainda no mesmo estado de total surpresa e estupor por essa simples descoberta e revelação. Cristo me pegou. Inútil dizer outra coisa”.

Prosperi. Dentre as muitas perguntas a respeito da contraposição entre maravilhamento e poder, formuladas de várias maneiras, selecionamos esta porque ajuda a captar o nó da questão: Frente ao cego de nascença, fiquei impressionado com a imediatez com que ele reconhece a evidência do que aconteceu com ele, embora não tendo tido nenhum

tipo de instrumento, formação, cultura, etc. Por que para mim, que teria mais instrumentos, é tão fácil mudar de método?

Carrón. Pela falta de simplicidade de coração. Vamos reler juntos o texto do cego de nascença. Começa-se com os discípulos que, como veem, têm a mentalidade de todos: “Quem pecou, ele ou seus pais, para que ele nascesse cego?” Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus”. E depois cuspiu na terra, fez lama com a saliva, aplicou-a sobre os olhos do cego e lhe disse: “Vai lavar-te na piscina de Siloé”. O cego de nascença foi, lavou-se e voltou vendo. Começou então uma discussão. Os vizinhos e os que estavam acostumados a vê-lo antes, porque era um mendigo conhecido, diziam: “Não é esse que ficava sentado a mendigar?” Alguns diziam: “É ele”. Diziam outros: “Não, mas alguém parecido com ele”. Ele dizia: “Sou eu mesmo”. Perguntaram-lhe, então: “Como se abriram teus olhos?” Respondeu: “Jesus fez lama, aplicou-a nos olhos e me disse: vai a Siloé e lava-te. Fui, lavei-me e recobrei a vista”. Disseram-lhe: “Onde está ele?” Disse: “Não sei”. Conduziram o que fora cego aos fariseus, porque aquele dia era sábado. Os fariseus também lhe perguntaram – é a segunda vez – como tinha recobrado a vista. Tinha acabado de dizer: era fácil reconhecê-lo, não? Respondeu-lhes: “Ele aplicou-me lama nos olhos, lavei-me e vejo”. Simples. Então, alguns dos fariseus comentam: “Este homem não vem de Deus porque não guarda o sábado”. Outros diziam: “Como pode um homem pecador realizar tais sinais?” E havia cisão entre eles, porque quando não há a simplicidade diante dos fatos... De novo perguntaram ao cego, como se nada tivesse acontecido: “Que dizes de quem te abriu os olhos?” Respondeu: “É profeta”. Mas os judeus não querem acreditar. Em que não querem acreditar? Que Jesus seja um profeta? Não, não querem acreditar que aquele homem fora cego e que tenha recuperado a visão. Isto é, para anular o evento precisavam cancelar a realidade. Por isso envolvem os pais: “Este é vosso filho, que dizeis ter nascido cego?” Atenção: não dizem que “era” cego de nascença, mas “que dizeis” que era cego de nascença. “Como é que agora ele vê?” Seus pais então responderam: “Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego. Mas como agora ele vê não o sabemos. Interrogai-o”. Seus pais assim disseram por medo dos judeus, pois tinham combinado de expulsar da sinagoga quem O reconhecesse. Então chamaram de novo o homem que fora cego e lhe disseram: “Dá glória a Deus! Sabemos que esse homem é pecador”. Respondeu ele: “Se é pecador, não sei. Uma coisa eu sei: é que eu era cego e agora vejo”. Então lhe perguntam mais uma

vez (inacreditável!): “Que te fez ele? Como te abriu os olhos?” Respondeu-lhes: “Já vos disse e não ouvistes. Por que quereis ouvir novamente? Por acaso quereis também tornar-vos seus discípulos?” Começaram a insultá-lo: “Tu, sim, és seu discípulo. Nós somos discípulos de Moisés”. Moisés se torna o álibi para cancelar o real; em nome de Moisés negam a evidência. Fatal! “Sabemos que Deus falou a Moisés; mas Jesus, não sabemos de onde é”. E aqui o cego lhes “esmaga”: “Isso é espantoso: vós não sabeis de onde ele é e, no entanto, abriu-me os olhos”. Ele se torna até inteligente, entendem? Eis a nova inteligência. Essa é a verdadeira inteligência. Quando Giussani diz que a inteligência está na atitude de João e André entende justamente isso: a inteligência é desse cego, mais inteligente do que toda a tentativa analítica dos outros para negar o real (essa é a ideologia: não há fatos, só interpretações). O que fora cego continua: “Sabemos que Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é religioso e faz a sua vontade, a este ele escuta. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença. Então, vocês precisam se acertar com o real: jamais se ouviu isso desde que o mundo é mundo. Se esse homem não viesse de Deus, nada poderia fazer”. Os outros perdem a estribeira: “Tu nasceste todo em pecados e nos ensinas? O critério somos nós, não o seu coração, não a sua simplicidade. O critério somos nós, que somos os chefes”⁸⁵. Veem por que é decisiva a nossa humanidade? Sem a minha humanidade, sem o meu coração como critério de juízo, sem que eu possa reconhecer a verdade, sempre há um outro que me ensina o que devo fazer. Está toda aí a alternativa entre o maravilhamento e o poder. Aí vemos o drama diante do qual cada um de nós está: deixar prevalecer a simplicidade, o maravilhamento diante da evidência do que está acontecendo (de onde nascem as certezas), ou impor o nosso poder ou ser súdito do poder dos outros. O maravilhamento não depende dos outros, não depende do poder; o recém-chegado, como o cego, ignorante (é isso que surpreende) pode nos mostrar como é possível vencer qualquer poder: basta a simplicidade diante do real, basta deixar-se arrastar pelo maravilhamento que – como ouvimos ontem – não é uma coisa sentimental, é um juízo. O amor é um juízo de reconhecimento que arrasta toda a sensibilidade. A certeza nasce do reconhecimento dessa evidência. Essa é a reviravolta do método. Por que – como soa a pergunta – o cego de nascença, que não tinha nenhum tipo de formação, de cultura, conseguiu fazer o que nós não conseguimos? Vamos ler juntos a Escola de Comunidade, porque está tudo ali. “Se Deus tivesse manifes-

⁸⁵ Cf. *Jo* 9,1-34.

tado na história humana uma vontade particular, ou aberto Ele mesmo uma estrada para chegar a Ele, o problema central do fenômeno religioso não seria mais a tentativa – embora ela expresse a maior dignidade do homem – de ‘figurar-se’ o Deus. O problema estaria todo no puro gesto da liberdade que aceita ou recusa. Essa é a reviravolta. O centro, o ponto axial aqui não estaria mais no esforço de uma inteligência e de uma vontade construtiva, de uma exaustiva fantasia, de um complicado moralismo, mas na simplicidade de um reconhecimento: uma atitude análoga à de quem, vendo um amigo chegar, o identifica entre os outros e o cumprimenta. Nessa hipótese, a metodologia religiosa perderia toda a sua conotação inquietante, de envio enigmático a um ponto distante, e coincidiria com a dinâmica de uma experiência, a experiência de uma presença, de um encontro. Observe-se que o primeiro método favorece o inteligente, o culto, o afortunado, o poderoso, enquanto o segundo favorece o pobre, o homem comum”⁸⁶. Se nós não somos como o cego de nascença, é só porque não temos a sua simplicidade diante da evidência de muitos fatos, não temos a pobreza do homem comum, que se deixa arrastar pela evidência do que acontece. Nós achamos que somos mais inteligentes. No entanto, é justamente isso que precisamos colocar em discussão: se nós somos inteligentes se não temos essa pobreza.

Prosperi. Outra pergunta: O que quer dizer, concretamente, que não sou eu que decide qual o mestre seguir? Neste momento, dizer que Dom Giussani é o mestre a seguir me parece abstrato, isto é, não capaz de vencer a distância de Cristo do meu coração. Nas circunstâncias quotidianas me ajuda a ter uma pessoa próxima para olhar, por isso não entendo: quem é o mestre que eu sigo?

Carrón. O mestre não sou eu que escolho. O mestre eu reconheço. Quem verdadeiramente torna a estrada possível de ser percorrida, quem verdadeiramente nos ajuda a viver, não somos nós que o decidimos, nós o reconhecemos, nos surpreendemos – ouvindo certas coisas ou compartilhando certas situações com pessoas, como documentavam algumas das cartas que eu li ontem – ao encontrar alguém que tem um juízo diferente, que corresponde melhor à espera do coração. Isso não somos nós que decidimos, só o reconhecemos. Repito: o mestre se reconhece. E isso elimina o meu eu? Não! Porque sem o meu eu, como dissemos antes, eu não sou capaz de reconhecer o mestre, aquele que verdadeiramente corresponde a toda a minha espera,

⁸⁶ Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 46.

o que verdadeiramente está à altura do meu desejo, da minha humanidade, do meu drama. Por isso, para reconhecer (que risco corre o Mistério!), entre tantos rostos que alguém encontra na vida, “o” rosto, é preciso a própria humanidade, e isso não o decidimos nós o que mais nos corresponde; o reconhecemos, como dissemos ontem citando Tarkovski: “E, de repente, encontra na multidão o olhar de alguém – um olhar *humano* –, e é como se um divino escondido se aproximasse de você. E então, de repente, tudo se torna mais simples”. Já lhes contei várias vezes a minha experiência. Eu vivia na Espanha e fiquei anos sem ver Dom Giussani; mas a única coisa que eu não podia dizer é que para mim ele era alguém abstrato, porque eu sabia, mesmo à distância, por meio dos instrumentos que tinha à minha disposição (que eram muito menos dos que temos agora), o que me ajudava a viver. Eu tinha lido muitas coisas na minha vida, mas o que verdadeiramente me acompanhava era o que ouvia dele. E toda a minha tentativa era uma comparação com o que chegava a mim, que não era um rosto simplesmente, mas era um rosto por meio de um texto, por meio de tantas coisas que fazia; e depois com os meus amigos buscávamos entender cada vez melhor, porque a única coisa que procurávamos era seguir o que nos era proposto. Quem nos ajuda não é quem simplesmente está ao nosso lado, mas quem ilumina a vida, mesmo estando do outro lado do oceano, quem – vivendo – você sente que ilumina a sua vida. E por isso – agora que Dom Giussani não está mais neste mundo – não tenho outra coisa a propor a não ser o que vimos ontem, a não ser o seu carisma. Não é que eu queira “repetir” Giussani, não; o fato é que não tenho nada mais interessante para dizer, porque não existe nada mais pertinente à nossa situação, à circunstância histórica que devemos enfrentar, do que aquilo que ele nos disse: a Escola de Comunidade, os gestos, os textos, toda a proposta de uma experiência que ele documentou para nós de muitas maneiras. Podemos fazer essa comparação constante: se estamos dispostos a seguir Dom Giussani ou não. Depois, evidentemente, eu desejo que cada um de nós tenha amigos próximos, que você possa encontrar nelas essa companhia que o ajude a seguir, no grupinho da Fraternidade, nas comunidades. Desejo que para todos seja assim, mas é o que nos dizemos juntos, sobretudo durante os Exercícios, que nos dá o critério para saber se nós o estamos seguindo. E se não seguimos, depois não podemos reclamar da nossa inconsistência, porque não é suficiente estar aqui esquentando a cadeira se não nos identificarmos e não procurarmos constantemente que se torne experiência o que ouvimos. E desse ponto de vista é sintomática a resposta que Dom Giussani deu quando alguém lhe falou da abstração que frequentemente sentimos: “Eu disse, em Rimini, que o eu é a encruzilhada entre o eterno e o nada, e se atua existencialmente, historicamente, como

reconhecimento ou não de Cristo. O ‘não’ dito a Cristo, o não dizer Cristo, é igual a dizer ‘Tudo é nada’. Digam-me, logicamente, como é possível acabar de forma diferente, digam-me! Tanto é verdade que o ideal supremo humano, que parece ser o ideal budista, concebe a solução do tudo como gota que entra no mar, que se confunde com o mar, o mar harmonioso do todo. Que bela harmonia! Onde o eu desaparece!! Desaparecer é o que lhe interessa. [...] Sim, aquilo que sentimos como abstrato é algo ao qual já dissemos ‘não’. Porque, se eu não cheguei a dizer ‘não’, mesmo que me pareça abstrato, entendo que devo esforçar-me para torná-lo concreto, para torná-lo experiência. Tudo aquilo que lhes dissemos, juro que se tornar experiência; tornou-se para nós, é o motivo por que estamos aqui. Precisaríamos ter uma bela coragem para reunir tantas pessoas assim e dizer uma mentira. Não é possível ter coragem para fazer assim, precisaria ser político ou outra coisa: é sempre questão de dinheiro, porque o poder é só por causa do dinheiro. Ou uma coisa é verdadeira ou não é verdadeira. A respeito de uma coisa verdadeira, dizer que ela é abstrata significa que você já disse ‘não’: parece abstrato aquilo que já negamos. Se lhe dizem uma coisa que parece abstrata, você deve se empenhar para ver como é possível torná-la concreta e, nessa tentativa de torná-la experimentável, você a entende”⁸⁷. Essa é a decisão que cada um precisa tomar: continuar dizendo que é abstrato ou buscar fazer experiência do que lhe é dito, porque essa experiência só você pode fazê-la pessoalmente, como eu também preciso fazê-la. E é assim, fazendo com que se torne experiência, que eu posso entender se é verdade e assim pode aparecer aos meus olhos com toda a sua razoabilidade, com toda a evidência, com toda a clareza daquela correspondência que estou buscando. Por isso, amigos, se nós não fizermos com que se torne experiência, será sempre abstrato.

Prosperi. Gostaria de entender a natureza do compartilhamento e da convivência. Os apóstolos tornaram-se certos estando com Ele, apegaram-se a Ele. Na primeira palestra se dizia que seguir o mestre é identificar-se com ele, mas não se apegar à sua pessoa. Mas os apóstolos se apegaram a Ele.

Carrón. “Jesus não concebia a atração sobre os outros como uma referência última a Si, mas ao Pai; a Si para que pudesse conduzir ao Pai como conhecimento e como obediência”⁸⁸, afirma Dom Giussani. É exatamente esse o método de que falava o então cardeal Ratzinger

⁸⁷ Giussani, L. *É possível viver assim?*, op. cit., p. 361.

⁸⁸ Giussani, L. *L'uomo e il suo destino*, op. cit., p. 129.

no funeral de Dom Giussani: “Dom Giussani queria realmente não ter a vida para si, mas deu a vida, e por isso mesmo encontrou a vida não só para si, mas para tantos outros. Realizou aquilo que ouvimos no Evangelho: não queria ser um patrão, queria servir, era um fiel servidor do Evangelho, distribuiu toda a riqueza do seu coração, distribuiu a riqueza divina do Evangelho, pela qual tinha sido penetrado e, servindo desse modo, dando a vida, esta sua vida carregou um rico fruto como vemos neste momento, tornou-se realmente pai de muitos e, tendo guiado as pessoas não para si mesmo, mas para Cristo, ganhou justamente os corações, ajudou a melhorar o mundo, a abrir as portas do mundo para o céu”⁸⁹. Essa é a verdadeira afeição. Identificar-se com a experiência de Jesus e com a experiência de Giussani: isso é segui-los. Não é uma questão sentimental, mas é aprender um modo de se relacionar com a realidade, porque só vendo como eles viveram a relação com a realidade é que podemos ver gerar-se em nós uma consistência, uma autoconsciência de nós que nos torne possível enfrentar qualquer circunstância. A verdadeira afeição é abrir o nosso ser ao Mistério. Toda a tentativa de Jesus com os Seus discípulos é no sentido de introduzi-los no Mistério, e por isso não cede jamais à medida deles, mas recomeça constantemente, sem se escandalizar (como muitas vezes ouvimos Dom Giussani recomeçar conosco, sem se escandalizar com o fato de nós não entendermos nada). Como nós podemos fazer agora, sem nos escandalizarmos, lentamente, mas sempre em luta, nunca seguindo outro caminho. Essa é a moralidade, que para nós não é antes de tudo a coerência, mas a tensão para a verdade, não a justificação da mentira, mas a tensão para a verdade. Por isso nós nos apegamos verdadeiramente às pessoas que nos abrem para a totalidade. Primeiro nós decidimos se queremos ir rumo ao destino e à totalidade, e depois “cedemos” à presença daqueles que querem o mesmo. Ou então nós é que “decidimos” a quem seguir, porque já decidimos que não nos importamos com nós mesmos, nos contentamos com menos do que o que corresponde à exigência de totalidade que temos. Os amigos são a consequência do que decidimos dentro do nosso coração. É uma escolha de vida: Deus os cria e depois os junta... Entendem? Primeiro decidimos o que queremos da vida, e depois escolhemos os amigos, porque são os que vão para onde nós queremos ir. É necessária essa

⁸⁹ Ratzinger, J. “Apaixonado por *Cristo*. Em um encontro, *o caminho*”. Homilia no funeral de Dom Luigi Giussani, Catedral de Milão, 24 de fevereiro de 2005, *Passos-Litterae Communionis*, n. 59 (2005), p. 8.

lealdade com o próprio coração, com a própria exigência para seguir Jesus e Dom Giussani.

Prosperi. As duas últimas perguntas se referem à consistência do eu. Falando de Pedro você disse que toda a escuridão não podia eliminar a evidência do que ele havia visto. Essa é a consistência do eu. Por que a consistência do eu permite também que exista a experiência da escuridão?

A segunda: a crise econômica está afetando gravemente a minha atividade profissional, despertando gravíssimas preocupações. Eu disse e continuo a dizer que a realidade é positiva, mas continuo com medo e à noite não consigo dormir por causa dos compromissos econômicos. Gostaria de ser ajudada a entender esse fato aparentemente contraditório.

Carrón. Jesus entrou na história e trouxe uma presença que fascinou aqueles que O encontraram, não entrou na história e colocou tudo no seu devido lugar. Desde que o Mistério começou essa aventura fascinante de se tornar companheiro do homem para que possa encontrar a si próprio, o método sempre foi aquele que Dom Giussani sempre nos testemunhou. E qual é o método? Ele existe desde Abraão. Que para chegar a todos e a tudo começou por escolher alguém. Quando escolheu Abraão, Deus colocou no seu devido lugar toda a realidade e a história? Não, começou por gerar um eu, por dar consistência àquele eu, tanto é verdade que Dom Giussani nos falou de Abraão como o “nascimento do eu”, porque o eu aparece somente diante de uma Presença que o chama, que o atrai, que o desperta do torpor em que muitas vezes cai. E isso não quer dizer que então tudo à sua volta se transforma. Não, quem mudou foi Abraão. E às vezes também Abraão ficava escandalizado com os que estavam à sua volta: “Mas por que vocês são assim?”... “Mas é justamente porque somos assim que Deus deu a você, Abraão, a graça; é porque somos tão desconjuntados, cegos, preguiçosos, é porque tudo à nossa volta é escuridão que Deus começou a dar a graça a você, para torná-lo consistente, para começar a gerar um lugar onde a escuridão possa ser vencida, onde o niilismo pode ser vencido”. Do mesmo modo, Jesus não nos prometeu que tudo irá bem, que não teremos doenças, que não perderemos o emprego, que nunca fracassaremos. Essa é uma concepção protestante calvinista: onde Deus está as coisas vão bem. Mas isso é contra toda a história do povo de Israel! Diferentemente de todos os outros povos – justamente porque o modo de ser de Deus era outro, Deus era uma realidade diferente, irredutível –

Israel pôde perder tudo: o templo, a terra, a monarquia, o poder; além de tudo, viveu a experiência do exílio. Em qualquer outra situação teria sido o fim de deus, porque as divindades de qualquer outro povo estavam ligadas à possibilidade de vitória mundana. Quando nós pensamos que perdendo algum poder estamos derrotados, mostramos onde estamos colocando a nossa esperança. Mas Cristo está gerando um lugar onde nós podemos encontrar uma consistência que nos permite enfrentar tudo, inclusive a derrota, até o exílio, para que percebamos que a vitória não vem nem da quantidade de cavalos do nosso exército, nem do número de lugares que temos, e somos reconduzidos àquela purificação de que necessitamos para ter a verdadeira consistência que nos leva ao Destino. Então, Jesus não nos propôs eliminar a escuridão: Ele próprio enfrentou a escuridão e a venceu porque a Sua consistência é a Sua ligação com o Pai. Nem Jesus foi poupado da paixão, de penetrar na escuridão e na morte. E nós queremos ser discípulos Seus, ou pensamos que seria melhor ser de algum outro? A questão é se nós, também no momento da dificuldade e do medo, voltamos para onde Ele voltou, ou seja, àquela ligação com o Pai, com Quem nos permite enfrentar qualquer circunstância, e nos ajudamos uns aos outros a nos colocar diante dessa ligação. Como diz Giussani no capítulo décimo de *O senso religioso*, quem tem essa consciência, quem tem essa consistência “pode entrar em qualquer situação da existência com uma profunda tranquilidade, com uma possibilidade de letícia”⁹⁰. Quantas vezes nos sentimos maravilhados de ver como muitos amigos nossos enfrentam a morte, enfrentam a doença. Pelo fato de terem encontrado Cristo foram poupados de alguma coisa? Ninguém nos prometeu isso. Jesus quer gerar um eu, uma criatura nova que possa enfrentar tudo. Essa é a criatura nova. O problema não é que sejamos poupados de alguma coisa; não, seria pouco, porque – como dizia uma das cartas de ontem – uma pessoa doente pode ficar curada, o Senhor pode curá-la, mas a verdadeira questão é que isso não basta, a verdadeira questão é se há uma resposta adequada para a morte, porque mesmo depois da cura precisaremos enfrentar a morte. Essa é a criatura que Cristo quer gerar, e essa é a possibilidade para nós, para os nossos amigos, para os nossos entes queridos, para o mundo: que possa existir no real, na história, em nosso local de trabalho, em nossa família, entre os nossos amigos, um “eu” novo, consistente. Isso só é possível se nós seguirmos o mestre que nos foi dado e que nos fascinou. Não é algo automático, é

⁹⁰ Giussani, L. *O senso religioso*, op. cit., pp. 163-164.

apenas a consequência de um seguimento, e todos sabemos que quando nós seguimos, essa consistência chega: temos muitas testemunhas diante dos nossos olhos; agora, nestas circunstâncias históricas, não na Idade Média ou na época dos Padres da Igreja, mas agora! Vemos isso diante dos nossos olhos: seguir com simplicidade aquela proposta que nos foi dada por Dom Giussani, testemunhada por ele até o fim, nos dá a possibilidade de ter uma consistência que nos permite enfrentar tudo.

AVISOS

Este ano ocorre o trigésimo aniversário do reconhecimento pontifício da Fraternidade e, justamente pela gratidão que temos pela nossa história, me parece uma ocasião favorável para retomar algumas coisas que Dom Giussani disse sobre o que é a Fraternidade e sobre os Grupos de Fraternidade.

Dizia numa assembleia da Fraternidade: “A vida de uma Fraternidade é fundamentalmente um chamado e uma ajuda a se viver a relação com o próprio destino [vejam que tensão introduzida desde a primeira frase: um chamado ao próprio destino, não menos que isso]. Porque – meus amigos – precisamos mesmo dizê-lo que não é humano viver de modo diferente, viver às cegas não é humano. A diferença entre a criança e o adulto é que a criança não tem consciência do objetivo, isto é, o destino. É chamado de tolo o adulto que procede como criança, que não tem a consciência do objetivo. A maioria das pessoas vive como tolas, não têm consciência do objetivo. Se o objetivo da Fraternidade é chamar e ajudar nisso, então [eis o valor de uma série de elementos da vida da Fraternidade] eis aí o valor dos momentos de oração. Não é possível reconhecer-se como ajuda no caminho rumo ao próprio destino sem, ao mesmo tempo, compartilhar as necessidades. [Quando, como vimos, alguém tem o problema do desemprego, uma doença, está desorientado, nós podemos ser coniventes ou podemos nos ajudar]. Não é possível ser cristão no mundo se a caridade não for usada antes de tudo com aqueles que se juntam a nós como companheiros de caminho, daí o compartilhamento das necessidades até o fim. Em terceiro lugar, a concepção missionária da vida, porque a missão não é um detalhe da vida, é a vida. Para uma mãe, para uma dona de casa, é racional que faça isso se oferecer pelo mundo tudo o que faz, e educar os filhos não tem nenhum sentido se não forem educados para o Reino de Deus. Então, colocar a própria vida em função do Movimento

não é nada mais do que a tradução prática desse ímpeto missionário, porque o Movimento nada mais é que o modo, o nosso modo, como fomos introduzidos a viver no mundo e a vida segundo o coração da Igreja. Por isso se concebe a própria vida, a vida familiar, a própria profissão, a educação dos filhos, o tempo livre, as próprias energias, o próprio dinheiro em função do Movimento, isto é, em função de algo maior, onde a pessoa age em total liberdade, porque sem liberdade não é uma resposta humana. É melhor uma resposta de 0,1% na liberdade do que uma resposta aparente de 50% sem liberdade, aliás, de 100% sem liberdade”⁹¹. [Porque, dizia em outra ocasião,] “o Movimento, o objetivo do Movimento é que cresçam pessoas maduras na fé, e tudo o que fazemos, as iniciativas que tomamos, são apenas um instrumento para esse amadurecimento. Se as iniciativas – nos diz ele – não forem instrumento para amadurecer na fé, o Movimento não cresce; serão coisas que dão prazer e satisfazem o amor próprio de quem as faz, mas não fazem crescer o Movimento, tanto é verdade que sempre, quando são colocadas de um certo modo, são fechadas em si mesmas e geram divisões, ou melhor, estranheza. Ao invés, as iniciativas, todas elas, da panfletagem à cooperativa que se cria, precisam ser concebidas e adotadas como instrumentos para interessar mais – seja cada uma das pessoas que dela participam, seja os estranhos que são apenas espectadores – por essa coisa que é a presença de Cristo, a quem a nossa vida e o mundo pertencem: porque se Cristo fosse mais reconhecido estaríamos todos melhores, cem vezes melhores, nesta Terra”⁹².

Por isso, que a preocupação de vocês não seja como organizar a vida do grupo, antes “preocupem-se [...] em se referir a Cristo, em querer bem uns aos outros, não no sentido sentimental do termo, mas de compartilhar as necessidades, de dar atenção um ao outro, de superar as antipatias, de perdoar uns aos outros, de cultivar dentro de si uma paixão pelo Movimento”⁹³.

A certa altura, Dom Giussani diz qual liberdade precisamos ter inclusive na busca do que mais nos ajuda: “Se não a encontramos no grupo..., muito bem, então pode-se ter feito o caminho juntos por três anos, no terceiro ano a pessoa vai embora e encontra uma outra companhia, uma outra solidariedade mais adequada, mais livre em rela-

⁹¹ Assembleia da Fraternidade de Comunhão e Libertação Marche, Loreto 15 de janeiro de 1984, Arquivo CL.

⁹² Giussani, L. *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., pp. 175-176.

⁹³ *Ibid.*, p. 78.

ção à situação que a pessoa vive. Não tem nada escrito que alguém, pelo fato de ter ficado cinco anos em uma Fraternidade, deva ficar aí eternamente”⁹⁴. O que mais nos ajuda! Muitas vezes, quando alguém se mexe porque está sufocado ou porque encontra algo mais adequado, parece um escândalo para todos. Mas como?! É o objetivo, e o objetivo é o destino, e não ficar ali preso no grupo.

“Para que o grupo da Fraternidade também não caia no esquematismo que normalmente degrada qualquer pertença a movimentos e associações, é preciso ser livre. E a liberdade – se não quiser ser uma escolha segundo os próprios gostos e instintos – é saber escolher e valorizar essas presenças em nossa vida que mais copiosamente nos chamam para o nosso destino”⁹⁵. Esse seria o critério para escolher o grupo de Fraternidade. Isso também não somos nós que escolhemos, mas o reconhecemos: quem nos chama “mais copiosamente para o destino”. A Fraternidade é uma obediência, como é uma obediência o Movimento, como é uma obediência o mestre: como somos necessitados até a medula, qual é a questão? Que encontremos quem nos chama mais, quem nos ajuda mais, quem nos desperta mais. Para isso é necessária uma grande liberdade. Mas muitas vezes nos grupos, se alguém se mexe, entendem que essa pessoa não lhes quer bem... Não! Talvez o fato de ela se mover – porque Deus dá a graça a alguém para se mexer – pode ser o modo de despertar o grupo, porque o método de Deus é sempre o mesmo: dar a graça a alguém – se não é um movimento puramente sentimental – para chegar a todos.

Por isso, “saber escolher e valorizar essas presenças [...] que mais copiosamente nos chamam para o nosso destino, para o objetivo da vida, e mais nos ajudam a cumprir o nosso dever, a realizar a missão. A nossa vitalidade de fé não pode ficar circunscrita ao seio do grupo. A vida do grupo é como a vida de família. A vida de família não tem como objetivo circunscrever a existência ao âmbito da própria família: seria a morte da personalidade. A família é como o *input* que a natureza coloca e desenvolve no homem para ampliar o seu interesse e os seus braços para o mundo todo. De fato, a família nasce como educadora para a relação com o mundo todo. Assim o grupo precisa favorecer um análogo *input*. Se, vivendo a vida do Movimento, encontramos pes-

⁹⁴ Assembleia da Fraternidade de Comunhão e Libertação Marche, Loreto 15 de janeiro de 1984, Arquivo de CL.

⁹⁵ Giussani, L. *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., pp. 87-88.

soas, ou coisas, ou situações com as quais estamos em consonância, nos sentimos ajudados, a pessoa não deve sentir bloqueada por um falso *lealismo* em relação ao seu grupinho [são palavras dele! Quanto esquematismo para justificar a nossa convivência e a nossa paralisia!]: torna-se amigo de qualquer um, com liberdade, e isso o ajudará mais com o seu grupinho⁹⁶.

O próprio grupinho deveria estimular esses deslocamentos, porque se alguém se move é uma graça para todos. Como vemos entre nós: uma graça dada a alguém é um bem para todos. Por isso, observemos qual é a experiência que fazemos nos nossos grupinhos, para não sermos coniventes.

Fundo Comum

Recordo-lhes a importância do Fundo Comum, do valor desse gesto. Falamos disso no ano passado, podem lê-lo de novo no livrinho dos Exercícios de 2011. Acrescento apenas isto: o fato de que alguns, que se encontram em dificuldade pela difícil situação econômica, não suspenderam a quota, enquanto esperam tempos melhores – apenas a diminuíram –, é algo comovente, expressa a nossa educação, porque não é um problema de quantidade; alguém, com humilhação pode não continuar a dar a mesma quantidade, mas pode permanecer fiel. Quem de nós não pode dar nem um Real? Por isso, não existe nenhum alibi para não pagar o Fundo Comum, porque não é a quantidade, é a educação que nos interessa. Imaginem se com o dinheiro podemos resolver alguma coisa... A fidelidade ao Fundo Comum é um sinal de como consideramos importante esse gesto para a própria vida, como gratidão pelo que se vive na Fraternidade.

Alguns novos inscritos nos perguntaram se há uma cifra padrão para o Fundo Comum. Não! Porque Dom Giussani sempre disse que a quota é totalmente livre, como eu dizia antes, e que o importante é a fidelidade a esse gesto e não a quantidade.

Passos

Lembro que *Passos* é a revista oficial do Movimento e que é o único instrumento, além do site oficial de CL, pelo qual nos sentimos diretamente responsáveis.

Estamos fazendo a proposta de uma divulgação extraordinária do número de junho, dedicado ao grande encontro das famílias com o

⁹⁶ Ibid., p. 88.

Papa. Eu gostaria de relançar esse gesto da venda pública nos vários âmbitos de vida (trabalho, escolas, universidades, paróquias, entre os conhecidos, amigos...), porque vimos que é uma grande ocasião educativa para todos e é a possibilidade de tornar conhecida a presença da nossa comunidade justamente lá onde se vive. Como demonstra esta amiga que nos escreve: “Falamos da divulgação de *Passos* em nossa comunidade. Ninguém mais ia vendê-la em frente às igrejas. Comecei a falar disso com os meus amigos na Escola de Comunidade. Alguém levou a sério por si esse apelo e comecei a vender a revista na missa que frequentava. Às objeções de quem não tinha tempo, de quem achava difícil a linguagem, convidava-o a ler a revista em casa, comentando-a durante o jantar. O grupo de leitura mensal vai indo adiante, com convites e pessoas novas que comparecem. Duas pessoas vêm à Escola de Comunidade, e é um resultado importante porque do contrário corre o risco de virar uma conversa sentimental de inspiração cristã. Agora conseguimos propor a revista em diversas missas porque outros se juntaram para a venda. Agora aumentamos o número de exemplares e me parece um milagre porque levamos a sério a indicação como trabalho para a nossa vida, não como militância quase forçada. Essa troca de experiência leva a dilatar o coração e meter-se no trabalho por si, para comprovar o que encontramos”.

Além da venda pública, recomendo propor a venda também no nível pessoal. Muitas vezes acontece de alguém falar de certos assuntos e pode encontrar num artigo da revista a ocasião para oferecer aos outros uma perspectiva diferente. Às vezes, no diálogo com os colegas, amigos e conhecidos, podemos encontrar ocasião para levá-los a conhecer a revista a partir de um artigo em especial ou de um tema que os preocupa, e assim pode-se abri-los para a totalidade. Em geral os artigos, entrevistas e juízos contidos na revista são o ponto de partida de encontros e diálogos com várias pessoas com as quais entramos em contato de trabalho ou outro. Portanto, vamos usá-la como ocasião de testemunho.

Oração de invocação a Dom Giussani

Para responder a uma exigência nascida na vida de muitas pessoas depois do pedido de introdução da causa de beatificação de Dom Giussani, isto é, a possibilidade de invocar a sua intercessão de um modo ordenado e correspondente à verdadeira natureza do seu carisma, a Fraternidade pediu e obteve da autoridade eclesial competente a aprovação de uma invocação, destinada – atenção! – à devoção privada,

a única admitida pela Igreja em relação a um Servo de Deus, como é agora Dom Giussani.

Recomendo-lhes vivamente evitar a composição e a divulgação de outras formas de invocação. A Fraternidade desaprova qualquer outra iniciativa a esse respeito.

Encontro mundial das famílias com o Papa

A festa dos testemunhos, que será sábado à tarde, 2 de junho, e a Missa solene de domingo, 3 de junho, são os dois momentos dos quais participará o papa Bento XVI, no Encontro Mundial das Famílias. Esse evento é a ocasião para se viver um testemunho da originalidade do nosso carisma nos âmbitos onde vivemos e com todas as pessoas que encontramos. Recomendo-lhes que levem muito a sério o convite e se tornem promotores do evento junto aos amigos e colegas, em família, nas paróquias e nas dioceses.

Leio-lhes o telegrama que enviamos a Sua Santidade: “Santidade, 25.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação participaram em Rímimi dos tradicionais Exercícios espirituais, meditando sobre a frase de São Paulo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*. Outras milhares de pessoas participaram em vídeoconferência em 13 nações europeias. Nestes dias fizemos de novo a experiência de Cristo como resposta ao que cada um de nós é, comprovando que só uma tomada de consciência atenta, terna e apaixonada de nós mesmos nos abre para reconhecê-Lo presente aqui e agora, o Único que supera a fratura entre saber e crer que Vossa Santidade indica como ‘o’ problema dos cristãos hoje. De fato, se Cristo não vive em nós, o dualismo vence e o niilismo domina. Dom Giussani aceitou viver à altura da sua humanidade, não se esquivou do olhar de Cristo e por isso indicou a estrada para cada um de nós, no seguimento do Papa e da sua Igreja, testemunhando-nos com a sua própria experiência que só Jesus corresponde à totalidade da espera do coração. Plenos de entusiasmo pela Vossa pessoa que dá carne e sangue à mensagem pascal – ‘Se Jesus ressuscitou, aconteceu algo verdadeiramente novo, que muda a condição do homem e do mundo. O Ressuscitado não pertence ao *passado*, mas está *presente* hoje, vivo’, esperamos encontrar Pedro em Milão junto com todas as famílias do mundo. O afeto do nosso coração é para Vós”.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 3,13-15.17-19; Sal 4; Lc 24,35-48

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL MARC OUELLET PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS

Caros amigos,

“Cristo ressuscitado apareceu aos seus apóstolos e lhes deu a sua paz”.

Eis o anúncio que resume não só o sentido da liturgia de hoje mas também o núcleo do acontecimento cristão, ou melhor, o sentido de toda a Sagrada Escritura.

“Cristo ressuscitado” é aquele homem único, que impressionou como nenhum outro os seus contemporâneos, mas também os homens de todos os séculos. Esse homem traz consigo uma medida do humano que excede as nossas capacidades, mas que desperta e radicaliza a exigência de sentido do coração humano. Terminou na cruz porque a sua pretensão de ser lá de cima escandalizou as autoridades de então e os seus seguidores. Seu desafio continua ao longo dos séculos. Não se contam mais as tentativas para fazê-lo reentrar no horizonte da razão histórica da humanidade.

1. Esse homem Cristo não só ressuscitou, mas apareceu misteriosamente aos seus, dando-se a reconhecer, deixando-se tocar, convidando-os a crer, apesar do choque do seu trágico destino. Não apareceu de um modo qualquer, mas com o desígnio de formar testemunhas de uma realidade nova, irredutível às categorias do mundo, mas profundamente inteligível mediante a inteligência das Escrituras. “São estas as palavras que eu vos falei, quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”.

2. A pretensão inaudita de Jesus concluiu-se com a crucificação e a vitória do Ressuscitado sobre a morte. Depois suas aparições levaram os discípulos a entender a sua identidade presente: o seu estar ali, vivo, para além da morte, mais vivo do que eles, não submetido aos laços do tempo e do espaço, mas plenamente livre para se manifestar a eles. Agora podiam entender Quem era ele, de onde vinha e para onde estava voltando depois do seu percurso obediente pelo caminho da encarnação. Era verdadeiramente o Messias, o Filho unigênito, Revelador do Pai, o mediador do Espírito.

3. Tudo isso está contido na saudação que resume em si todos os bens messiânicos: Shalom! “*A Paz esteja convosco*”. Uma saudação de

paz carregada de sentido e várias vezes repetida. Eu vos dou a Paz, a minha paz, não como a dá o mundo, porque a minha paz contém o perdão dos vossos pecados, a vossa reconciliação com Deus e entre vós, e uma nova vida de comunhão que não é deste mundo. É a “*Paz que o mundo despreza, mas que não pode roubar*” (Manzoni, *La Pentecoste*).

4. “A Paz esteja convosco”. Recebei-a de mim não só como a revelação de que *Eu sou* (Εγώ ειμι), mas também como revelação do que sois vós, amigos meus: sois *filhos de Deus!* Recebei-a em plenitude para entender e abraçar o que sois pela graça. De fato, Cristo sopra sobre eles e sobre nós o *Seu Espírito*, que faz novas todas as coisas. Esse Sopro criador conjuga, pois, a *identidade deles* com a *Sua*, numa convivência agora definitiva e indestrutível. Uma convivência que constitui a identidade da Igreja e que estimula cada comunidade a ser testemunha do Ressuscitado diante do mundo.

5. Como encarnar esse testemunho quando se está consciente de ter recebido o dom de uma convivência privilegiada com Cristo Ressuscitado? Eis a pergunta dos vossos Exercícios espirituais, que foram colocados sob a expressão paulina: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. Responder com seriedade a essa pergunta, ou melhor, a esse desafio existencial, foi o objetivo da oração e da reflexão desses dias.

6. Tomemos agora o impulso do evento que nos reúne, chamado pelos nossos irmãos do Oriente de “a Divina Liturgia”, para captar um outro traço essencial da nossa relação vital com Cristo. O que produz em nós o encontro sacramental com Cristo? Como assegurar que seja sempre novo e regenerador? Para evitar a rotina e a mediocridade, é preciso procurar não reduzir a Divina Liturgia a devoção, isto é, a uma série de ritos, deveres, sentimentos e atitudes geridos por nós mesmos em nossa relação com Deus. Devemos, ao invés, vivê-la na luz das aparições do Ressuscitado. Isto é, como um encontro que deixa *traços*.

7. A liturgia é, de fato, a irrupção do Senhor Ressuscitado na nossa história, por meio da simplicidade da palavra proclamada e da humildade dos ritos. Não é uma nossa performance, mas um evento jamais domesticável, a encarnação de uma Palavra viva e plena, que atinge e recapitula todos os espaços e momentos da nossa vida humana. A liturgia envolve com luz pascal a nossa existência e nos dá, pois, olhos para ver os sinais do Senhor presente em toda a nossa vida.

8. A irredutibilidade do evento Cristo, a incontornabilidade das suas aparições, a plenitude da sua paz transborda da Sagrada Liturgia. Não será essa uma das mensagens mais decisivas do Papa Bento XVI? Pensemos um pouco e veremos que o sentido do evento Cristo, que

comoveu de modo semelhante Dom Giussani e Joseph Ratzinger, tem uma comum raiz pascal; o fascínio deles pela figura de Cristo nasce do encontro pessoal do Verbo encarnado no mistério eucarístico, que ilumina o modo mais linear, discreto e totalizante do seu estar presente na trajetória muito concreta de toda a vida humana e de todos os homens.

9. “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*”. Crer nEle, ser um com Ele, quer dizer pertencer ao seu corpo eucarístico e eclesial. Essa pertença confere à vida humana uma plenitude de sentido que atrai a nossa experiência pessoal, além de nós mesmos, para a experiência da comunhão eclesial.

10. A troca de identidade entre Cristo e eu nasce do evento do Batismo, mas se realiza na paz da comunhão eucarístico-eclesial. Justamente porque a nossa experiência humana concreta e quotidiana está envolvida no mistério da comunhão eucarístico-eclesial, as nossas relações humanas, familiares, amigáveis e sociais são, por assim dizer, habitados e voltados para um intercâmbio de dons que inclui a nossa própria identidade: “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*”.

11. Por preguiça e mediocridade pode-se sempre reduzir o evento da comunhão eucarística a devoção, mas de sua parte Cristo oferece nela nada menos que a comunhão trinitária, despejada nos corações mediante o seu corpo pleno do Espírito Santo.

12. “*A paz esteja convosco*” expressa, por isso, o agir de Deus que atualiza, *aqui, para nós*, no sacramento, o processo de divinização de todo o nosso ser e de todo o nosso agir. Na Eucaristia, mistério de comunhão com o corpo glorificado de Cristo, semente de imortalidade (cf. São Gregório de Nissa, *Discurso catequético* XXXVII: PG 45,97) se realiza a participação na vida divina. Enxertados em Cristo “os homens se tornam deuses e filhos de Deus, ...a cinza é elevada a um tal grau de glória que fica igual, em honra e deidade, à natureza divina” (Nicola Cabasilas, *A vida em Cristo*, I: PG 150,505) [cf. *Oriente Lumen* n. 6].

Acolhamos a presença do Ressuscitado com gratidão e muita alegria, segundo os termos propostos pela oração inicial da Coleta:

“*Exulte sempre o teu povo, ó Pai, / pela renovada juventude do espírito, / e como hoje se alegra pelo dom da dignidade filial, / assim preguste na esperança / o dia glorioso da ressurreição.*”

13. Elevados por essa oração da Igreja, entreguemo-nos ao Sopro do Ressuscitado e deixemo-lo plasmar intimamente a nossa resposta à Palavra do Mestre, enquanto mergulhamos na adoração: “Tu és meu e Eu sou tu, te comprei por um preço caro, com o preço de todo o meu sangue derramado, sê meu como Eu sou teu. Somos uma coisa só, um

só corpo, um só Espírito. Recebe o que és, o meu corpo e permitas-me continuar a caminhar sobre a Terra em meio aos homens graças a ti, ao teu coração doado a mim, ao teu espírito habitado e transformado pelo meu amor. Vim à carne não para abandonar depois a carne mas para fazer de toda a humanidade o meu corpo. Tu és junto com os teus e os meus amigos a profecia do destino de todos. Que todos sejam Um”.

14. Caros amigos, louvemos o Senhor com profunda alegria e gratidão enquanto nos oferecemos para ser suas testemunhas na potência do Seu Espírito. Que o nosso testemunho seja humilde e corajoso, que seja não tanto nossa quanto Sua, mais viva em nós do que nós próprios.

Que o seu abraço de Paz se torne o nosso abraço pessoal e eclesial, um abraço que é sacramento da Sua Paz para o mundo. Amém!

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Eminência caríssima, em nome de todos desejo agradecer-lhe, antes de tudo, por sua participação em nossos Exercícios. Depois me permita agradecer-lhe pela sua amizade de longos anos e pela cordialidade com que presta atenção em nossa experiência. Não por último, desejamos expressar-lhe o nosso reconhecimento pelo testemunho de uma verdadeira identificação com Pedro em sua delicada missão ao serviço daquele que é o *doce Cristo na Terra*, mesmo nestes tempos tão duros e confusos. Obrigado, Eminência.

Cardeal Ouellet. Caros amigos, antes de me despedir quero agradecer de novo pelo grande privilégio de ter celebrado convosco na luz do Ressuscitado a Santa Eucaristia. É, sem dúvida, uma graça para mim ser acolhido pela vossa comunhão num dos momentos mais significativos do vosso percurso espiritual. Que Deus vos pague cem vezes.

Gostaria de acrescentar um outro motivo de agradecimento. Todos sabem da amizade que continua a florir e a dar fruto entre Comunhão e Libertação e o papa Santo Padre Bento XVI. Quero vos agradecer muito por isso, pela vossa contribuição oculta e pública ao seu grande pontificado. Confio a Maria cada um de vós, as vossas famílias, e todas as vossas obras!

Rezai também por mim!

Obrigado!

MENSAGENS RECEBIDAS

“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20)

Caríssimos, também neste não desejo fazer-me presente por ocasião dos Exercícios, gesto decisivo para a vida pessoal e de toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação.

“Eu, mas não mais eu”, assim Bento XVI se apropriou da profunda afirmação paulina, à qual é dedicado o vosso encontro, na reunião eclesial de Verona.

Cada um de nós, tocado por essa afirmação, experimenta um tremor: de um lado, somos conduzidos para um *espaço novo*, abertos para um horizonte completo pelo desejo que jamais abandona o nosso coração; do outro, porém, como um contragolpe inexorável, logo nos assalta o medo da nossa incapacidade de realizar essa decisiva aspiração.

Quanto mais passam os anos, mais a natureza humana paradoxal desse tremor corre o risco de bloquear o nosso coração, de enfraquecer a nossa fé, de frear a beleza de comunicar Jesus Cristo, único salvador e redentor.

Justamente Dom Giussani indicava, como antídoto a esse risco, a figura moral do “recomeço”.

Cada um peça à Misericórdia, que é Jesus morto e ressuscitado, a energia do recomeço.

Confiemo-nos a Maria.

De Częstochowa no Senhor vos saúdo e vos abençoo.

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo de Milão

Caro padre Julián!

O tempo que passa torna cada vez mais seguros da imponentia na vida e na história de Cristo, Deus feito homem, morto na cruz, e Ressuscitado!

O tempo que passa torna mais evidente que Cristo não viveu para nos tornar perfeitos: basta olhar a história, o mundo depois de dois mil anos da Sua vinda, ou um olhar humilde e sincero para nós próprios: “Vocês não conhecem nada, no imenso universo, que não seja instrumento de uma infelicidade” (Péguy). Cristo foi o portador de uma novidade experimentável em nossa vida e na história: Ele próprio presente, que muda, transfigurando-os, o homem e o mundo (João Paulo II). “Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de ser morto na cruz pelos nossos pecados e ter subido ao céu, não deixou o mundo como o havia encon-

trado, mas deixou um dom precioso atrás de Si. Deixou no mundo o que antes não existia: um refúgio secreto, para que nós possamos usufruir a fé e o amor, onde quer que estejamos” (Newman).

Assim o tempo que passa se torna cada vez mais experimentalmente a misericórdia de Deus que recria, a ação visível do Ressuscitado que “nesta alegria pascal nos torna de novo inocentes”. É o espetáculo do Seu povo, do povo que é a Sua casa entre os homens (Hebreus), que o Ressuscitado gera para que cada novo início, como o poderoso gesto dos Exercícios, se torne estrada e morada.

Acompanho o gesto dos Exercícios da Fraternidade com a minha pobre prece e oferta.

Teu pela graça de Jesus Cristo Nosso Senhor Ressuscitado.

S.E.R. Dom Paolo Pezzi

Arcebispo da Mãe de Deus em Moscou

Caríssimo padre Julián Carrón,

chegue a você e a todos os amigos do Movimento a minha saudação e a minha prece pelo bom resultado destes Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Depois de 27 anos de missão no Brasil, iniciado a convite de Dom Giussani, há poucos meses voltei para a Itália, na arquidiocese de Taranto. Me encontro imerso em compromissos com o mundo eclesial e com a sociedade civil que atravessa um momento muito delicado, por um conflito entre a salvaguarda do emprego e a defesa da saúde e do ambiente.

Essa é uma circunstância difícil para toda a sociedade italiana e europeia, mas é também uma grande oportunidade para mostrara todos a esperança que existe em nós pela imensidão do carisma de Dom Giussani que nós encontramos. Ele nos fez participar da experiência de São Paulo que é o tema destes Exercícios: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. Esse é o fato dominante da nossa vida nas circunstâncias que o Senhor nos chama a enfrentar. E assim tudo é diferente e mais verdadeiro.

Cheio de confiança me uno a todos vocês neste momento de graça, pedindo por todo o Movimento a disponibilidade a seguir o passo que tu nos indiques e que ofereças a cada um de nós.

Invocando a bênção do Senhor e a proteção da Grande Mãe de Deus, vos saúdo cordialmente.

S.E.R. Dom Filippo Santoro

Arcebispo de Taranto

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade
Bento XVI

Santidade, 25.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação participaram em Rímimi dos tradicionais Exercícios espirituais, meditando sobre a frase de São Paulo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*. Outras milhares de pessoas participaram em videoconferência em 13 nações europeias.

Nestes dias fizemos de novo a experiência de Cristo como resposta ao que cada um de nós é, comprovando que só uma tomada de consciência atenta, terna e apaixonada de nós mesmos nos abre para reconhecê-Lo presente aqui e agora, o Único que supera a fratura entre saber e crer que Vossa Santidade indica como “o” problema dos cristãos hoje. De fato, se Cristo não vive em nós, o dualismo vence e o niilismo domina. Dom Gius-sani aceitou viver à altura da sua humanidade, não se esquivou do olhar de Cristo e por isso indicou a estrada para cada um de nós, no seguimento do Papa e da sua Igreja, testemunhando-nos com a sua própria experiência que só Jesus corresponde à totalidade da espera do coração.

Plenos de entusiasmo pela Vossa pessoa que dá carne e sangue à mensagem pascal – “Se Jesus ressuscitou, aconteceu algo verdadeiramente novo, que muda a condição do homem e do mundo. O Ressuscitado não pertence ao *passado*, mas está *presente* hoje, vivo”, esperamos encontrar Pedro em Milão junto com todas as famílias do mundo.

O afeto do nosso coração é para Vós.

Padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco
Presidente da C.E.I.

Eminência Reverendíssima, 25.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímimi para os Exercícios espirituais sobre o tema “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”, renovam a vontade de colaborar com a Igreja italiana na imensa obra de testemunho que só em Cristo o homem encontra paz e a uma razão crível para viver, tanto mais necessária neste momento de crise e de confusão.

Padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Stanislaw Rylko
Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos

Eminência Reverendíssima, 25.000 *christifideles* membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímimi para os Exercícios espirituais sobre o tema “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”, e outras milhares de pessoas em conexão via vídeo de 13 países, confirmam o compromisso de testemunhar a profunda mudança que Cristo realiza em quem se deixa guiar por Ele.

Padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão

Caríssimo Angelo, as tuas palavras nos provocaram a ser ainda mais dóceis – humilhados e por isso humildes – e disponíveis para aquele recomeço que só o mistério de Cristo ressuscitado, e por isso contemporâneo a cada um de nós, pode realizar em nossa vida. A consciência dolorosa da inconsistência do nosso eu, que provoca um “tremor” de medo e de dúvida, urge em nós a memória de Cristo e nos estimula a seguir ainda mais conscientemente na estrada que Dom Giussani percorreu, testemunhando-nos com a sua própria vida que a fé é a suprema racionalidade e que nenhum sucesso ou poder é capaz de satisfazer o nosso coração.

Aguardando o grande encontro do Santo Padre com as famílias do mundo, confiamos as tuas intenções a Nossa Senhora de Caravaggio, pedindo-te prece pela conversão de cada um dos membros da Fraternidade.

Padre Julián Carrón

S.E.R. Dom Filippo Santoro
Arcebispo de Taranto

Excelência caríssima, gratos pela tua mensagem, de Rímimi oramos pelo teu novo ministério pastoral, certos de que da fidelidade àquela forma de ensinamento à qual nos entregamos continuarás a extrair os

critérios para ser testemunha diante do teu povo de que Cristo é o único em cujo olhar todo o drama nosso e dos irmãos homens é abraçado e salvo.

Padre Julián Carrón

S. E. R. Dom Paolo Pezzi
Arcebispo de Madre de Deus em Moscou

Excelência caríssima, gratos pela tua prece pelos nossos Exercícios, fizemos de novo a experiência de Cristo contemporâneo pela novidade que introduziu em nossa vida, frágil mas segura de que Ele é o Senhor. Nossa Senhora da ternura torne a tua vida cada vez mais um testemunho de Cristo, o que temos de mais caro, na estrada indicada por Dom Giussani.

Padre Julián Carrón

A arte em nossa companhia

por Sandro Chierici

(Guia para a leitura das imagens tiradas da História da arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica na entrada e na saída)

As catacumbas são o lugar no qual se encontram as primeiras expressões da arte cristã. Uma arte que nasce ligada ao culto dos mortos, porque a vitória sobre a morte – barreira última na qual trombavam todos os cultos antigos – está no coração da experiência das primeiras comunidades cristãs. A história da salvação, narrada em seus episódios principais, é toda atravessada por esse olhar dirigido a Cristo que com a Sua ressurreição venceu para sempre a morte e com o Seu sacrifício abriu para o homem a possibilidade de uma companhia para sempre.

1. Roma, Catacumba de Commodella, Chi-Rho, alfa e omega
2. Cidade do Vaticano, Coleção do cemitério Teutônico, Laje fúnebre com Chi-Rho, alfa e ômega e duas pombas
3. Roma, Coemeterium majus, Adão e Eva
4. Roma, Catacumba da via Latina, A oferta de Caim e Abel
5. Roma, Catacumba da via Latina, Abraão e os três anjos
6. Roma, Catacumba de Priscila, O sacrifício de Isaac
7. Roma, Catacumba de São Sebastião, O sacrifício de Isaac
8. Roma, Catacumba da via Latina, O sonho de Jacó
9. Roma, Tumba subterrânea de via Deno Compagni, Sansão derrota os Filisteus
10. Roma, Tumba subterrânea de via Deno Compagni, Balaão e o asno
11. Roma, Catacumba de São Sebastião, Os três meninos na fornalha ardente
12. Roma, Catacumba de Priscilla, Os três meninos na fornalha ardente
13. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, Daniel nela fossa dos leões
14. Roma, Catacumba de São Calisto, Daniel na fossa dos leões
15. Roma, Catacumba de São Sebastião, A passagem do mar vermelho
16. Roma, Catacumba de São Sebastião, O carro de fogo
17. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, O milagre da fonte de Moisés
18. Roma, Catacumba de São Sebastião, O sonho de José
19. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, Jônas lançado ao mar
20. Roma, Tumba subterrânea dos Aurélios, Jônas lançado ao mar
21. Roma, Catacumba de São Sebastião, Jônas lançado ao mar
22. Roma, Catacumba de São Sebastião, O repouso de Jônas
23. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, O batismo de Jesus
24. Roma, Catacumba de Priscila, Jesus bom pastor

25. Roma, Catacumba de São Calisto, Jesus bom pastor
26. Roma, Tumba subterrânea de Trebio, Jesus bom pastor
27. Roma, Tumba subterrânea dos Aurélios, O sermão da montanha
28. Roma, Catacumba de via Latina, A multiplicação dos pães
29. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, A cura da mulher curva
30. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, A samaritana no poço
31. Roma, Tumba subterrânea de via Deno Compagni, A samaritana no poço
32. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, A cura da mulher que perdia sangue
33. Roma, Catacumba de São Sebastião, Cubículo C, A ressurreição de Lázaro
34. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, A ressurreição de Lázaro
35. Roma, Catacumba de São Calisto, A ressurreição de Lázaro
36. Roma, Catacumba de Domitila, Cristo entre os apóstolos
37. Roma, Catacumba de via Anapo, Cristo entre os apóstolos
38. Roma, Catacumba de Domitila, Cristo entre os apóstolos
39. Roma, Catacumba de Priscila, Banquete eucarístico
40. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, Banquete eucarístico
41. Roma, Catacumba de São Calisto, Banquete eucarístico
42. Roma, Catacumba de São Calisto, Peixe eucarístico
43. Tabgha (Israel), Igreja da Multiplicação dos pães, A multiplicação dos pães, mosaico pavimental
44. Roma, Catacumba de Commodella, A negação de Pedro e O galo
45. Roma, Tumba subterrânea dos Aurélios, Um apóstolo
46. Roma, Confessio sob a Basílica dos SS João e Paulo, Um santo orante
47. Roma, Catacumba de via Latina, Retrato de menina
48. Roma, Catacumba de via Latina, Retrato de menina, detalhe
49. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, Figuras de santos
50. Roma, Catacumba de Domitila, Figuras de santos
51. Roma, Tumba subterrânea de Trebio, Cena de construção
52. Roma, Tumba subterrânea de Trebio, Cena de colóquio
53. Roma, Catacumba de São Sebastião, Cubículo C, A ressurreição de Lázaro
54. Roma, Catacumba de São Sebastião, Noé na arca
55. Roma, Catacumba de Priscila, Orante chamada de Velada
56. Roma, Catacumba de Priscila, Conjunto da luneta da Velata
57. Roma, Catacumba dos Giordani, Orante
58. Nápoles, Catacumba de São Gennaro, Sepultura da família de Teotecnus
59. Roma, Catacumba de Priscila, Mãe com a criança
60. Roma, Coemeterium majus, Virgem orante com o Menino
61. Roma, Santa Maria Antiqua, Nossa Senhora com o Menino
62. Roma, Santa Maria Antiqua, Figura de santo
63. Roma, Catacumba de Commodella, Nossa Senhora com o Menino e santos
64. Roma, Catacumba dos santos Pedro e Marcelino, Cristo entre São Pedro e São Paulo
65. Roma, Catacumba de Commodella, Busto de Cristo

Índice

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI	3
<i>Sexta-feira, 20 de abril, noite</i>	
INTRODUÇÃO	4
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO</i>	12
<i>Sábado, 21 de abril, manhã</i>	
PRIMEIRA PALESTRA – <i>Um mestre a seguir</i>	13
<i>Sábado, 21 de abril, tarde</i>	
SEGUNDA PALESTRA – <i>A estrada para a autoconsciência: uma experiência vivida</i>	29
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DO PADRE MICHELE BERCHI</i>	51
<i>Domingo 22 de abril, manhã</i>	
ASAMBLEIA	53
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE S.E.R. CARDEAL MARC OUELLET, PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS</i>	73
MENSAGENS RECEBIDAS	77
TELEGRAMAS ENVIADOS	79
A ARTE NA NOSSA COMPANHIA	82

